



Monografia de Especialização

**REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE
CONVIVÊNCIA A PARTIR DA RACIONALIDADE E DA
EMOCIONALIDADE EM MATURANA: UMA
EXPERIÊNCIA NO ASEMA (APOIO SÓCIO
-EDUCATIVO EM MEIO ABERTO)**

Cibelle Viana Athayde

PPGCMH

Santa Maria, RS, Brasil
2005

**REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE
CONVIVÊNCIA A PARTIR DA RACIONALIDADE E DA
EMOCIONALIDADE EM MATURANA: UMA
EXPERIÊNCIA NO ASEMA (APOIO SÓCIO -
EDUCATIVO EM MEIO ABERTO)**

por

Cibelle Viana Athayde

Monografia de Especialização apresentada ao Curso de Educação Física:
Licenciatura Plena, do Centro de Educação física e Desportos da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para obtenção do grau de
Especialização em Ciência do Movimento Humano

PPGCMH

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE
CONVIVÊNCIA A PARTIR DA RACIONALIDADE E DA
EMOCIONALIDADE EM MATURANA: UMA
EXPERIÊNCIA NO ASEMA (APOIO SÓCIO -
EDUCATIVO EM MEIO ABERTO)**

elaborado por

Cibelle Viana Athayde

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
Especialista em Ciências do Movimento Humano

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Silvino Santin
(Presidente / orientador)

Prof^a. Ms. Ivana Lambert Miotti

Prof. Ms. Wenceslau Virgilio C. Leães Filho

Santa Maria, 05 de julho de 2005.

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Ciência do Movimento Humano
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE CONVIVÊNCIA A PARTIR DA RACIONALIDADE E DA EMOCIONALIDADE EM MATURANA: UMA EXPERIÊNCIA NO ASEMA (APOIO SÓCIO - EDUCATIVO EM MEIO ABERTO)

Autora: Cibellie Viana Athayde
Orientador: Prof. Dr. Silvino Santin
Santa Maria, 19 de novembro de 2005.

Este trabalho é resultado final do curso de Especialização em Pesquisa e Ciência do Movimento Humano, Sub-Área Pedagogia do Movimento Humano, na linha de Corporeidade e apresenta como tema A REFLEXÃO SOBRE AS RELAÇÕES DE CONVIVÊNCIA A PARTIR DA RACIONALIDADE E DA EMOCIONALIDADE EM MATURANA: UMA EXPERIÊNCIA NO ASEMA (APOIO SÓCIO- EDUCATIVO EM MEIO ABERTO). Foi realizada uma pesquisa bibliográfica paralela a observação das relações e comportamentos das pessoas, principalmente, das crianças do projeto ASEMA de Santa Maria. Descreve-se de que forma agimos em nossas relações e com nós mesmos, a partir de uma determinada emoção, que a princípio, se sobrepõe à razão na tomada de decisões. Dentro desta idéia avaliamos nossos desejos e de que maneira optamos por uma coisa ou outra. Assim, se dá a convivência humana, pois se fazemos uma opção previamente estabelecida pela sociedade competitiva e individualista indubitavelmente, iremos estabelecer uma convivência de negação. As observações destas ações foram analisadas, primeiramente, nas relações diárias de convivência moderna, visto em instrumentos poderosos que manipulam nossos desejos na construção de um caminho de exclusão e desigualdade social. É um ciclo de negação que se forma, colocando de fora o amor que é a emoção fundamental capaz de transformar e modificar as relações.

ABSTRACT

Specialization Monograph
Post Graduation Course in Human Movement Research and Science
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

**REFLETINDO SOBRE AS RELAÇÕES DE
CONVIVÊNCIA A PARTIR DA RACIONALIDADE E DA
EMOCIONALIDADE EM MATURANA: UMA
EXPERIÊNCIA NO ASEMA (APOIO SÓCIO -
EDUCATIVO EM MEIO ABERTO)**

The reflections about the experience in relations from the Maturana reasoning and emotion: an experiment in ASEMA (*Apoio Socio - Educativo em Meio Aberto*) – Social-Educational Support in an Open Environment

Author: Cibelle Viana Athayde
Adviser: Prof Dr. Silvino Santin
Santa Maria 03 June 2005

This work is the final result of the Graduation course in Human Movement Science, Movement Pedagogy Sub-area, in the Corporeal line and presents as theme the reflections about the experience in relations from the Maturana reasoning and emotion: an experiment In ASEMA (*Apoio Socio - Educativo em Meio Aberto*) -Social-Educational Support in an Open Environment. A parallel bibliographical research to the observation of the relations and behavior of the people was carried out, especially the children from the Santa Maria ASEMA Project. It describes in which manner we should act in our relations and with ourselves, from a determined emotion, which from the start overcomes reason in the decision taking. Inside this idea, our desires were evaluated and how we choose one thing or the other. Thus, happens the human experiencing, for if we make a previously established choice by the competitive and individualist society, without hesitation, we will establish an experiencing in denial. The observations from these actions were analyzed, firstly, in modern experiencing daily relations, seen in powerful devices, which manipulate our desires in the construction of a exclusion and social inequality path. It is a cycle of denial that forms, putting out love, which is the fundamental emotion capable of transforming and modifying relations.

SUMÁRIO

RESUMO	iii
ABSTRAT	iv
APRESENTAÇÃO	1
Encontro com o tema	1
1 - RAZÃO E EMOÇÃO	3
1.1 - A Racionalidade Moderna	5
1.2 - Emocionalidade e racionalidade em Maturana	7
1.2.1 - O Fenômeno social e o amor	11
1.2.2 - Educação na biologia de Maturana	13
1.2.3 - O que é educar?	14
1.2.4 - A Competição no caminho dos homens	17
2 - A EMOCIONALIDADE E A RACIONALIDADE NOS	
COMPORTAMENTOS E NAS RELAÇÕES DAS PESSOAS	20
2.1 - A Educação no processo de humanização	23
2.1.1 - Educação x Televisão	27
2.1.2 - Educação x Meio Ambiente	30
2.1.3 - Educação x Estética	33
2.1.4 - Educação x Competição	36
3 - VIOLÊNCIA FÍSICA: DESAPARECIMENTO E MORTES EM	
ALGUMAS CIDADES DO RIO GRANDE DO SUL	39
3.1 - As Instituições	41
4 - A EMOCIONALIDADE E A RACIONALIDADE NO GRUPO DE	
CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL	
NO PROJETO ASEMA	43
4.1 O Que é o Projeto ASEMA?	43
4.1.1 Objetivo Geral	43
4.1.2 Objetivos Específicos	43
4.1.3 O Que são consideradas situações de Vulnerabilidades	

Sociais neste caso?	44
4.1.4 Quem pode participar do projeto?	44
4.1.5 Quem trabalha no projeto?	44
4.1.6 Quem executa o projeto?	45
4.1.7 Estruturação do projeto ASEMA em Santa Maria	45
4.2 As crianças	48
4.2.1 Alguns exemplos	49
4.2.2 Exemplo de um dia no ASEMA	51
4.3 As relações	52
4.3.1 Alguns exemplos	53
4.4 As famílias	53
4.4.1 Alguns exemplos	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO CRIANÇA VÍTIMA	39
Quadro 2 – OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO CRIANÇA VÍTIMA	40
Quadro 3 – OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO CRIANÇA VÍTIMA	40
Quadro 4 – OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO CRIANÇA VÍTIMA	41

APRESENTAÇÃO

Encontro com o tema

Quando resolvi escrever minha monografia sobre a emoção e a razão, estava envolvida com o problema da exclusão social e buscava romper com algumas idéias do modelo capitalista. A sensibilização frente às injustiças sociais levou-me a pensar o quanto esta se fugindo às nossas características humanas, aderindo a um mundo totalmente frio e racional diante da questão da exclusão, da violência e do preconceito. Dei-me conta de que a razão das coisas não esta conferida a mim, mas ao que a sociedade determina.

A partir da rotina diária no Projeto ASEMA (Apoio Sócio - educativo em Meio Aberto) nos anos de 2002, 2003 e 2004, onde trabalhei com crianças em situação de vulnerabilidade social (vítimas de violência, maus tratos, miséria ou extrema pobreza, drogadição e sob medida de proteção), e das aulas com o professor Santin, no curso de especialização, nas quais questionava as ações humanas na visão de Maturana, resolvi tentar compreender as ações destas crianças que utilizam a violência como forma de relação na sua convivência.

Ao longo destes anos, tive contato com as realidades de cada um através de visitas as suas moradias e famílias ouvindo depoimentos e conversas, observei e anotei casos que serviram de base para este trabalho. Todas as observações serviram para que, de certa forma, transforma-se meu entendimento das relações de

agressão e afetividade.

Para Maturana (2002), as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. É preciso respeitar e aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. As situações que convivi e convivo diariamente são essenciais para esse entendimento, pois jamais as compreenderia se continuasse distante das mesmas, ou seja, se continuasse apenas a "vê-las" em notícias de revistas ou televisão.

Este presente trabalho será dividido em quatro partes que mostrarão numa primeira parte, o que é razão e emoção na visão de Maturana; uma segunda parte em que quis demonstrar como certos comportamentos são determinados pelo sistema e quais as conseqüências para a sociedade, utilizando a educação como meio de transformação. Uma terceira parte com alguns dados da violência contra crianças em algumas cidades do RS, e uma última parte, onde procuro explicar o Projeto ASEMA, e detalhar alguns casos e histórias que aconteceram de fato e que serviram de inspiração para a minha monografia.

1- RAZÃO E EMOÇÃO

Os gregos criaram a razão no intuito de organizar o pensamento e a sociedade da época, não dando espaço a emoção no processo de construção das idéias e das relações humanas. Isto gerou uma situação de oposição, onde a emoção passa a ser tratada como um sentimento “louco” e “desequilibrado” frente à razão. Desta forma a sociedade institucionalizou nossas ações, determinando que estas não podem estar sujeitas a meros sentimentos que, somente, desagregam os homens de suas condutas e responsabilidades, sendo papel da razão controlar e dominar as emoções. Uma das justificativas para esta afirmação, é de que nós seres humanos, como seres racionais, devemos nos diferenciar dos outros animais, controlando e dominando nossas emoções. Assim, acostumamos com a idéia de que somos seres racionais e muitas vezes a aceitamos como uma verdade definitiva porque todo mundo assim a entende. Isto levou a idéia da racionalidade excluindo tudo o que difere dela. Por isso, que experiências de vida não servem para a construção de idéias que agreguem o individual no coletivo, pois a subjetividade e o sentimento não servem á ciência e ao sistema predominantemente racionalista.

Historicamente, é de costume associar a razão ao estado de equilíbrio, ao correto, à verdade. Já a "emoção" sempre foi comparada ao termo "paixão", e se procurarmos em um dicionário qualquer a emoção esta definida como abalo moral ou comoção. A palavra "paixão" não fica longe disto, ela sugere um sofrimento irracional através dos termos encontrados como o padecimento, sofrimento ou fanatismo. Por isso, a “paixão” é algo ruim, um defeito “ontológico¹” a qual alguns

¹ Relativo a ontologia; s. f. ciência ou teoria do ser, independentemente da matéria.

humanos estão submetidos. Ou seja, o homem na sua lucidez não pode deixar-se levar pela irracionalidade da emoção, pois os aspectos mórbidos ao qual é comparada o colocam como vítima de um sentimento que não deveria existir. Em contrapartida a razão aparece como a faculdade de espírito com que o homem reflete, compara, conhece e julga. Então se supõe que se negarmos a razão nos tornaremos sujeitos violentos e desajustados na sociedade. Deste modo, confirma-se a supremacia da razão sobre a emoção na convivência social.

O pensamento ocidental pregou a razão como sendo o único instrumento que rege os homens sábios, livres de qualquer sentimento ou desejo afetivo que possa os impedir do poder de dominação e controle. Mas o que é o poder se não o desejo de dominação? E os desejos não são frutos dos nossos sentimentos? E de que forma nos movemos racionalmente, se não impulsionados por alguma preferência emocional? A razão nega as emoções, negando assim a nossa capacidade de entendermos a nós mesmos, de dialogarmos com nossos sentimentos. Deveríamos perguntar o que nos leva verdadeiramente a pensar e a agir de um modo ou de outro, ou a termos opiniões sobre as coisas? Se perguntarmos a alguém porque ela escolhe uma coisa ou outra, ela simplesmente responderá que a partir da sua preferência ela aceita e gosta de determinada coisa. Assim, não podemos negar que nossas ações estão submetidas ao "desejo" de querer ou não, algo. Por isso não conseguimos argumentos para explicar certas escolhas, e não nos damos conta de que somos seres que além de pensarmos, também sentimos. E é essa a nossa essência, a de nos fazer presente no mundo como um todo.

Maturana (2002) questiona o discurso racional de oposição entre razão e emoção na convivência humana o qual nega as tomadas de decisões e relações no domínio da nossa afetividade. Para ele, negar as emoções é estar negando a compreensão e a aceitação do outro. É nesta direção que aponta, sem que a razão destrua as emoções, dando lugar a uma nova dimensão sobre a afetividade.

1.1 - A Racionalidade Moderna

A sociedade do conhecimento racional em que vivemos alterou as relações humanas ao declarar que somos essencialmente racionais desvalorizando desta forma nossas emoções, desvirtuando-as e condicionando-as a meros sentimentos. O que sabemos sobre emoção? A maioria das pessoas a define como um sentimento de alegria, de tristeza, um descontrole, como já foi visto anteriormente, e dificilmente alguém vai desvinculá-la disto. Isto é resultado da modernidade, da ciência e do conhecimento científico que despreza o fenômeno da complexidade humana.

No campo da racionalidade, Santos, (1986, p. 77), coloca que existe um projeto sócio - cultural da modernidade muito rico, capaz de infinitas possibilidades, o que resulta numa complexidade de desenvolvimentos contraditórios. Esta complexidade se assenta em dois pilares: o da regulação e o da emancipação, cada um constituído por três princípios. O pilar da regulação está constituído pelo princípio do Estado, pelo princípio do mercado e pelo princípio da comunidade. Já o pilar da emancipação é constituído por três lógicas de racionalidade: a racionalidade estético-expressiva da arte e da literatura, a racionalidade moral-prática da ética e do direito e a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência e da técnica. Estes pilares estão interligados e dependentes um do outro, assim como um prédio em construção que precisa que seus alicerces se mantenham na mesma linha para que se tenha a estrutura necessária para sua finalização. Num conjunto de interações a racionalidade estético-expressiva está ligada ao princípio da comunidade, porque é a partir da interação das pessoas que se constroem as idéias individuais e coletivas, ou seja, as de identidade e as de comunhão necessárias para a contemplação do belo e do feio, do que serve ou não serve esteticamente. A racionalidade moral-prática está articulada com o princípio de Estado que tem a competência de definir e distribuir eticamente o direito. A racionalidade cognitivo- instrumental que está fortemente ligada ao princípio de mercado, pois desta maneira se dá a concretização das idéias de individualidade e conseqüentemente de competição, essenciais para o seu desenvolvimento. O que ocorre neste caso, é que a ciência e a técnica que são os alicerces do mercado, atualmente, estão convertidas a uma força produtiva, ou seja, a ciência e a técnica são utilizadas somente para a

especulação financeira, sendo o capitalismo um instrumento de manipulação e exclusão do indivíduo e de suas possibilidades de convivência e aceitação do outro. Ainda para Santos (1986, p. 78) "estes princípios e lógicas vêm modestamente se inserindo no projeto global de racionalização da vida social prática e cotidiana." Se pensarmos nas circunstâncias diárias podemos afirmar o que foi dito anteriormente, pois vivemos em comunidade e é nela que construímos a nossa identidade através das relações, seja no trabalho ou na família, e é nessa convivência que nascem as idéias e opiniões de estética sobre as coisas. Assim como os direitos e deveres condicionados pelo princípio de Estado que praticamos todos os dias e que nos garantem uma convivência possível através da ética e da moral. E por fim, a nossa dependência da ciência e da tecnologia que nos fazem reféns do mercado, como os medicamentos, por exemplo, que são fabricados muitas vezes em cima de doenças criadas para o seu consumo tudo isso com interesses de produção e acúmulo de capital. O que podemos concluir é que a sociedade racional nos conduz a acreditarmos que somos fundamentalmente racionais. Desta forma, posso pensar que os princípios que compõem os pilares de regulação e de emancipação foram previamente escolhidos, ou seja, as premissas fundamentais que antecederam esta escolha já haviam sido configuradas conforme aquilo que se desejava e se queria sistematizar. Por isso a complexidade do projeto sócio-cultural da modernidade, pois nem todos estavam de acordo com as premissas fundamentais que antecederam esta escolha havendo uma incoerência de palavras e ações para a sua legitimidade. A idéia de liberdade e independência fincada no pilar de emancipação, que poderia justificar as livres escolhas, está atrelada ao de regulação que controla e limita esta possibilidade. Neste jogo de convencimento da essencialidade da emoção e da razão, os direitos éticos e morais que a princípio são justificados de maneira racional têm uma validação no caráter social constatadas na preocupação com o outro e nas possibilidades de convivência de uma determinada comunidade, pois o que serve para uma comunidade pode não servir para outra.

Para Maturana, (2002, p. 73).

O argumento racional não serve, e por isso é preciso criar sistemas legais que definam as relações entre sistemas humanos diferentes estabelecidos na configuração de um pensar social capaz de abarcar todos os seres humanos.

É necessário que se dê uma convivência de aceitação mútua através do respeito e do reconhecimento da legitimidade do outro, os desejos devem se coincidir para a realização de um projeto nacional. Talvez as políticas públicas ditas de "inclusão" social, como a garantia de cotas para índios e negros nas universidades, o incentivo à reciclagem para gerar renda, a implantação de projetos nas escolas para o desenvolvimento de atividades socializantes, como o próprio ASEMA (Apoio Sócio-Educativo em meio Aberto), sejam de certa forma um ensaio para barrar as desigualdades sociais e tentar, assim, reconhecer a legitimidade do outro. Mas a aceitação e o respeito mútuo não surgem apenas dentro destas políticas compensatórias desejadas por uns e discriminizadas por outros, e que muitas vezes vêm mascaradas por interesses de promoções políticas e pessoais. Então deve ser muito mais que isso, para além do projeto nacional, um despertar de emoções corrompidas pela história capaz de resgatar o desejo de convivência social. Para Maturana (2002, p. 74), "é no âmbito emocional que se dará essa convivência harmônica capaz de justificar a natureza do social e do ético."

1.2 - Emocionalidade e racionalidade em Maturana

Maturana (2002), não concorda com a idéia de que a racionalidade é o que determina o pensar humano. Acredita que a razão é válida à medida que funciona como um instrumento no campo da objetividade, garantindo um saber dentro dos princípios universais. Desta forma, o racional se organiza coerentemente através dos sistemas argumentativos que estruturamos pela linguagem. Mas para isso acontecer, é preciso que concordemos ou não com os princípios estabelecidos a partir do que aceitamos como válido. E como ocorre isto? A partir de uma escolha do que me agrada ou não, e isso só é possível quando o desejo nos move no

sentido desta escolha. Para Maturana (2002), é nesta perspectiva que se dá o conflito entre razão e emoção, por que para a sociedade moderna esta escolha se dá somente pela razão, desvalorizando nossas emoções. Porém, acredita que além das emoções validarem o que argumentamos, transformam e confundem estes argumentos.

Maturana (2002, p. 92), coloca que numa mudança emocional, haverá uma mudança de domínio de ação. E que "nada nos ocorre, nada fazemos que não esteja definido como uma ação de um certo tipo por uma emoção que a torne possível". Por isso, que as aceitações humanas só ocorrem se houver um desejo para isto. E na dinâmica humana, pág. 83, de formação de grupos ou comunidades que se estrutura num espaço de aceitação mútua, tem relação com as aceitações, com as conversações e com os encontros que possibilitam que os envolvidos se escutem e se entendam num mesmo domínio de ação. Existe um desejo comum nesta coletividade, estabelecendo-se desta forma, o respeito necessário para esta convivência num espaço emocional de aceitação. Mas para que este se mantenha, é essencial nesta situação a reflexão que se faz em relação a opinião contrária do outro, pois está se partindo do princípio da legitimação da aceitação do outro. Ao mesmo tempo em que, isto acontece, é importante que haja responsabilidade, pois Maturana (2002), diz que esta tem a ver com a compreensão dos nossos próprios desejos, e surge na reflexão no qual nossos desejos devem estar colocados sob exame atento dos desejos. "Em outras palavras, a responsabilidade não pertence ao domínio da razão" afirma o autor (p. 85).

Já o discurso racional de inclusão e igualdade social, por exemplo, somente será válido para quem acredita e deseja o respeito e a aceitação do outro. Mas acontece que negamos a validade do outro, por que nos baseamos em perspectivas econômicas, religiosas e culturais estabelecidas no mundo racional. E sabe-se que vivemos na competitividade, no fanatismo, na corrida pelo poder, na ansiedade de ser o melhor. Isto nos impede de certa forma, de refletirmos sobre o que desejamos e quais os propósitos que realmente importam para que se possam estabelecer relações de cooperação e compreensão que legitimem os desejos de igualdade social, pois é a emoção que define as relações sociais. Neste sentido posso

perguntar, se podemos controlar nossos desejos para o caminho de uma relação capaz de transformar a sociedade e eliminar as desigualdades? No que diz respeito ao desejo de controlar as emoções, Maturana, (2002, p. 85) pensa que: "se trata de uma colocação inadequada, por que supõe que elas precisam ser controladas por seu caráter negativo." Então se é meu desejo estabelecer uma convivência fraternal, naturalmente o caminho será construído. Mas é preciso nos inteirarmos das nossas ações, e nos darmos conta se queremos ou não as suas conseqüências.

Maturana, (2002, p. 16), coloca que:

Todo sistema racional se baseia em premissas fundamentais aceitas a priori, aceitas porque sim, aceitas porque as pessoas gostam delas, aceitas porque as pessoas as aceitam simplesmente por suas preferências.

Pois essas premissas são as chaves de nossas ações, sendo elas previamente aceitas a partir de uma certa emoção, ou seja, todo sistema racional tem um fundamento emocional. Se nossas ações são conduzidas a partir de determinadas emoções, quando mudamos de emoção mudamos de ação.

Do ponto de vista biológico, Maturana, (2002, p.15), diz que "o que conotamos quando falamos de emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos", ou seja, são disposições corporais para um agir. Podemos exemplificar esta afirmação no nosso cotidiano, por exemplo, ao sermos abordados por uma criança de rua pedindo dinheiro ou comida e que aparentemente é desnutrida e mal tratada, rapidamente damos um jeito de encontrar algum trocado. O que nos leva a essa ação é estarmos sob uma determinada emoção que nos permite a agir desta forma. Mas se caso, o menino de rua tivesse roubado alguém, ficaríamos com raiva e certamente a ação seria outra, porque as emoções envolvidas seriam outras. O que temos que entender é que existe um entrelaçamento cotidiano entre a razão e a emoção e que juntas constituem o nosso viver humano. Sendo assim, quando estamos nos movendo sob determinada emoção, aceitamos coisas que não aceitaríamos em outras condições.

O sistema racional, que a princípio está baseado em premissas de escolha e aceitação, é o ponto de partida para a construção do que aceitamos como válido, e sobre a qual se apóiam nossos argumentos racionais. Neste sentido, nossas emoções determinam qual o domínio de racionalidade através do qual construiremos nossos argumentos. Isso não significa que somos limitados por nossas emoções, mas que uma tendência para diversos modos em que agimos faz possíveis algumas ações e outras não. Também não quer dizer, que se propomos alguma afirmação sob determinadas disposições corporais, seja mais ou menos racional que outras, mas apenas diferentes.

Maturana (2002) diz que, ao operarmos na construção do nosso raciocínio podemos estar sujeitos a dois tipos distintos de desacordos. O primeiro tipo é o “desacordo lógico”, que é quando o desacordo acontece apenas por um erro de aplicação lógica de certas premissas ou regras operacionais aceitas a princípio por todos. Por isso, numa discussão em que alguém afirma que dois mais dois são cinco, o máximo que pode acontecer é a comprovação de que o resultado é quatro e não cinco. Desta forma não há conflitos, e a discussão passa a ser trivial, pois as premissas fundamentais são aceitas por todos.

O segundo tipo, ele denomina de “discurso ideológico”, e ao contrário do primeiro, têm suas premissas fundamentais individualizadas. Isso quer dizer que numa discussão dificilmente não haverá uma explosão de emoções na luta pela afirmação de uma das ideologias. As guerras e disputas são exemplos de situação onde cada um defende aquilo que acredita. E mesmo uma conversa para acabar com o conflito, ambos os envolvidos não abrirão mão dos seus fundamentos, pois suas premissas fundamentais são diferentes, não havendo justificativa se esse ou aquele está certo. Para Maturana (2002, p. 17).

As disputas que acontecem neste contexto são de difícil solução, para não dizer intermináveis, por que sempre um dos envolvidos negará os fundamentos do outro. que já havia negado seus princípios.

1.2.1. O Fenômeno social e o amor

A maioria das pessoas entende que a razão é a única maneira de se relacionar com o mundo, e também, que o “social” é a única forma coletiva da qual seus integrantes “racionais” interagem numa mesma sociedade. Mas o fato é que o senso comum não entende que este “social” não é verdadeiro pois os valores envolvidos nas relações não são de uma convivência de respeito e aceitação. São valores condicionados por um sistema que exalta a competitividade excessiva e que transformam os desejos pessoais num ciclo vicioso de negação do outro. Por isso Maturana (2002, p. 23), diz que "a única maneira de se constituir uma convivência social possível, é no campo da afetividade." Sendo que o amor, é a emoção capaz de envolver as pessoas em torno de um sentimento coletivo de aceitação e de respeito às individualidades que compõem a coletividade.

As relações sociais vistas hoje estão marcadas pelas condutas dos que fazem os sistemas sociais. Onde se configuram relações contaminadas pelo individualismo. Muitos são os que conduzem nossas ações, mas a mídia é o instrumento mais poderoso nesta situação. Pois os meios de comunicação em geral banalizam os valores inerentes ao homem, como o respeito, a compreensão e o “amor”. Então fica quase impossível que se possua qualquer tipo de interação social verdadeira, que não sejam as necessidades mais básicas do individualismo: o prazer imediato e a competição que se dá na contradição e negação do outro.

Maturana (2002, p. 24), diz que "somente na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência é que se dá o fenômeno social, caso contrário isso não acontece." E quem entende isto? Num mundo em que as relações estão desvirtuadas, e que a maioria não se compreende e muito menos se respeita. Nas guerras, por exemplo, não há respeito e nem aceitação mútua, e nesta situação a convivência é muito difícil. Aqui, o desejo só pode se constituir pelo confronto do desejo do outro. O desejo dos conflitantes não interage com o do outro, resultando na separação e na destruição. É que a aceitação recíproca de um e de outro, só acontece no campo das emoções e como já foi dito por Maturana (2002, p. 23), "o amor é essa emoção capaz de aproximar e legitimar a convivência de aceitação." E obviamente que numa situação de guerra ninguém irá ceder muito menos sentir

pena, respeito ou compaixão pelo inimigo.

Maturana (2002, p. 23), coloca que "a evolução humana se deu no âmbito de convivência e aceitação, sendo a emoção fundamental para a história da hominização, o amor." Mas o que nos levou a desacreditar no amor? Acredito que na medida em que se institucionalizou a razão como única forma de agir e pensar, as emoções foram colocadas para fora do conviver humano. Com isso nos perdemos e concordamos com essa imposição porque todo mundo assim o fez. Maturana diz que:

O amor não é um fenômeno biológico eventual nem especial, é um fenômeno biológico cotidiano tão básico e cotidiano no humano, que o negamos culturalmente a todo instante criando limites na legitimidade de convivência em função de outras emoções (2002. p. 67).

Assim são as notícias dissimuladas sobre as guerras, onde sempre será definido o inimigo, cabendo à sociedade puni-lo, odiá-lo e rejeitá-lo. Estamos acostumados com esta situação de julgamento do que é certo ou errado, mas não queremos ou somos impedidos de pensar ao contrário, porque ficamos presos a um sistema que sempre conduziu e manipulou nossas emoções. Para Maturana (2002, p. 85);

O amor é uma característica tão biológica que constitui o ser humano, que se formos observar em todas as situações de crise humana, de crise nas comunidades, de terremotos, de incêndios, de situações extremas, as pessoas se encontram num nível básico humano onde a solidariedade está presente sem ser preciso indicá-la, ela aparece sozinha.

Aprendemos com a sociedade racionalista a negar o amor, e conseqüentemente a negar o outro. Desta forma rejeitamos o amor e segundo Maturana, "rejeição e amor, no entanto, são opostos em suas conseqüências no âmbito da convivência: a rejeição a nega e o amor a constitui" (2002, p. 66). Ainda

para este mesmo autor, (p. 24), “a cooperação na convivência é o que constitui o social, sem a aceitação do outro na convivência não há fenômeno social.” O amor, é a emoção que possibilita essa aceitação mútua, e segundo o autor relações humanas que não estão fundadas no amor não são relações sociais.

Chegamos ao ápice da verdade humana que é o amor. Ele é o que conduz o compartilhar, o aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. Por isso diferentes emoções sugerem diferentes domínios de ação, e comunidades fundadas em outras emoções que não seja o amor, não constituem o social, pois nem todas as relações humanas são sociais, isso dependerá do propósito de cada um.

E importante reafirmar que o amor é a emoção central na história evolutiva da humanidade, porque permitiu a convivência de aceitação e legitimação do outro, necessária para o desenvolvimento integral do homem. Mas como poderemos resgatar esta convivência de legitimação e aceitação do outro? Antes de tudo, é preciso querer que isto aconteça. Para legitimar a ação de aceitação é preciso respeitar e confiar no outro, estar aberto à conversação e à interação possíveis para esta convivência. O que não pode acontecer é acharmos que estamos sempre certos nas nossas opiniões, por isso a necessidade de refletir e exercitar a capacidade de compreensão e respeito mútuo. Não posso julgar ninguém sob o mérito de eu estar sempre com a razão. É preciso compreender que somos conduzidos por diferentes emoções que determinam os fundamentos que constituem nossas ações e portanto, não podemos determinar o que é certo ou errado pois cada indivíduo age conforme o que sente. É essencial que tenhamos respeito um com o outro para uma aproximação de convivência e de aceitação mútua. Mas este respeito e aceitação devem começar por cada um de nós, devemos aprender a nos aceitarmos e a nos respeitarmos para depois aceitar e respeitar os outros, e nada mais verdadeiro e espontâneo, para isso, do que a educação.

1.2.2 - Educação na biologia de Maturana

Para Maturana (2002, p. 27),

Nós, seres vivos, somos seres determinados em nossa estrutura. Isto quer dizer que somos sistemas tais que, quando algo externo incide sobre nós, reagimos conforme a nossa estrutura no momento, ou seja, depende de nós.

Por sermos sistemas determinados, tudo que nos acontece, inclusive no domínio de nossa conduta é fruto da nossa dinâmica estrutural. Neste sentido a dicotomia corpo e alma, é resolvida na medida em que se considera que existem fenômenos que não ocorrem dentro do corpo, e sim nas relações com os outros. As reflexões, interações e conversações acontecem na dinâmica estrutural em que estamos num dado momento, que por sua vez já havia sofrido mudanças ao participarmos com outro entre os diversos domínios de existência. Por isso, que mesmo não mudando o modo de ser a cada instante, somos responsáveis por nossas ações no momento estrutural presente, pois elas surgem no espaço de relações e de nosso viver na linguagem, que é um viver reflexivo. Para Maturana (2002, p. 28),

A história do indivíduo homem, sempre estará relacionada com o ciclo de sua vida (do seu nascimento até sua morte) dentro de suas interações com outros homens.

Por isso, "o futuro de um organismo nunca está determinado em sua origem" (2002, p. 29). A partir desta compreensão entende-se que a educação e o educar devam ser considerados como sendo essenciais na construção de estruturas capazes de abarcar o sentimento de compreensão e cooperação, apagadas pelo tempo e a modernidade.

1.2.3-O que é educar?

Maturana (2002, p. 29), confirma a educação como:

Um processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, e sua forma de viver se faz de acordo com o do outro no espaço da convivência.

É neste espaço de inter-relações através da reflexão e linguagem que vai se fundar a possibilidade de nos tornarmos seres capazes de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e respeito de si mesmo. Mas acontece que vivemos numa sociedade onde as relações são fundadas na negação do outro, por isso a maioria das pessoas, conduzem seus afazeres conforme o que o sistema determina. E como se sabe, fazemos parte de um mundo em que é preciso negar nossas emoções e estabelecermos uma identidade única, com propósitos únicos. Nesta conjuntura, uma criança que não é compreendida, e seus atos sempre "mal interpretados", sem chances de tentar rever suas atitudes, fica submetida a negação do seu ser. E segundo Maturana (2002, p. 33), "quando a educação desvaloriza o que nos é próprio, nos conduzindo a um olhar distante da nossa realidade, não nos serve." Por que podem nos levar a uma situação de riqueza e ambição, mas não leva a transformação harmônica do mundo na sabedoria de uma convivência sem abuso e sem pobreza. Esta situação também é válida para o adolescente moderno que aprende valores que deve respeitar, mas vive num mundo adulto que os nega.

Existe uma troca diária nas relações de convivência que permite que se molde um mundo comum á todos, por isso, certas comunidades têm diferentes costumes e ações no seu modo de viver. Conforme o que se deseja e se acredita nas relações de reciprocidade, é que vai se formar um tipo de educação, seja na escola ou na família. Mas sabe-se que nossos desejos e escolhas estão inseridos dentro de um sistema que nega o outro na convivência, e desta maneira nos condiciona a acharmos que este erro é normal. Neste sentido há uma conservação e acomodação do que foi instituído, sem compreendermos que podemos mudar esta

convivência. Maturana (2002, p. 30) diz que, "se vivêssemos num espaço de convivência de aceitação e respeito mútuo, detectaríamos rapidamente a negação do outro dentro deste espaço, então poderíamos corrigir se quiséssemos." A educação como sistema educacional é a base de como viveremos no mundo, faz parte da construção e confirmação do mundo que queremos. Por isso não só os professores, mas também as famílias e a sociedade como um todo, deveriam repensar a educação de suas crianças, para que se possa estabelecer um princípio de relação que realize o ser individual no sentido de colaborar, compartilhar e compreender. Pois para Maturana (2002, p. 34), "não é a agressão a emoção fundamental que define o humano, mas o amor". Não é a luta a única maneira da relação humana, mas a colaboração para a construção de um projeto que inclua todos num progresso e desenvolvimento social justo e digno por merecê-lo.

Segundo Maturana (2002, p. 29) "o sistema educacional configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação". Podemos perguntar que mundo a educação quer para nós? O que aprendemos na escola é aquilo que queremos aprender para sermos felizes na convivência do dia a dia? Dentro deste sistema existe uma preocupação com a aceitação de si mesmo e o auto-respeito? A partir destas indagações pode-se pensar, se a educação que tivemos foi adequada para a nossa convivência de aceitação e respeito mútuo, e se nossas crianças e jovens vivem este mundo de aceitação e respeito. Em muitas circunstâncias, podemos observar o dia a dia de uma criança, seja na família ou na escola, veremos que suas ações estão sempre sendo recriminadas com exigências e com castigos, e ela certamente sente-se culpada por isso. Essa culpa é sentida como uma não aceitação de si mesma, além de pensar que não merece respeito pelas suas atitudes, sente-se negada e desrespeitada. Maturana (2002, p. 29) diz:

Na infância a criança vive um mundo que constrói possibilidades de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma, e que na juventude experimenta-se a validade deste mundo para se iniciar uma vida adulta social e individualmente responsável.

Mas isto não chega a acontecer, por que temos que nos moldar às exigências

da sociedade que reprime a validade da compreensão e cooperação nas relações. A família não nos compreende, a escola não nos compreende, então por que deverei eu compreender os outros? Assim fica muito difícil desmanchar o que foi institucionalizado nesta educação, e nem percebemos que isto acontece por que formou-se um ciclo de relações de negação. Vivemos num mundo competitivo que se faz na negação do outro, impedindo desta forma um espaço de convivência fraternal. A educação é essencial para que se estabeleça uma convivência de aceitação e respeito, mas os educadores têm que acreditar nesta possibilidade e refletir sobre o que realmente se faz necessário neste mundo para que todos possam compartilhar dignamente deste espaço, é preciso ter coerência entre o que se diz e o que se faz. E isto só será possível se acreditarmos no amor como emoção fundamental na busca da aceitação de si mesmo e do respeito de si mesmo, para que se possa aceitar e respeitar o outro como um legítimo outro na convivência.

Nesta dimensão de reflexões, penso nos excluídos da sociedade onde a maioria desde que nascem já são rejeitados por suas famílias, que por sua vez, também, foram rejeitados pelas suas famílias, que foram sempre rejeitados pelo sistema. E um ciclo de negação que se forma, e por isso a dificuldade em desmanchá-lo. A agressividade neste sentido vem de berço e se espalha nas relações do dia a dia, por que não tiveram oportunidade de conhecer o amor como emoção fundamental na coexistência de aceitação do outro.

1.2.4 - A Competição no caminho dos homens

A dinâmica da evolução humana reúne várias interpretações no campo científico e religioso para tentar esclarecer os processos e elementos que caracterizaram o desenvolvimento do homem. A visão que se tem a princípio deste quadro, é que a civilização percorreu caminhos que permitiram transformações na cultura e, conseqüentemente, nas relações humanas que foram fundamentais para esta evolução. As explicações da biologia moderna, quanto à evolução e a

conservação da espécie, se focalizam na genética e na hereditariedade. Esta ciência, explica que a conservação é definida pela configuração genética conservada através da história reprodutiva de uma população ou de um sistema de populações; e que a evolução, esta relacionada com a mudança nesta configuração. Para Maturana (2002, p. 20), é diferente, pois:

O que define a espécie é seu modo de vida, uma configuração de relações variáveis entre organismo e meio, que começa com a concepção do organismo e termina com sua morte, e que se conserva, geração após geração, como um fenótipo ontogênico, como um modo de viver em um meio, e não como uma configuração genética particular.

Ainda para ele:

O fenômeno evolutivo está na mudança do modo de vida, e em sua conservação na constituição de uma linhagem de organismos congruentes com sua circunstância, e não em desacordo com ela (2002, p. 20).

Os modos de vida e as relações dos seres vivos permitiram a formação de várias culturas, diferentes para algumas comunidades ou grupos e semelhantes ou iguais para outras. Neste âmbito cultural humano, surge o fenômeno da competição que é comum a todos, implicando na negação e contradição do outro. Os homens optaram por este sistema que acentua as desigualdades e o desprezo por uma convivência de respeito e reconhecimento do outro. Estruturou-se uma sociedade, onde a ordem que determina o modo de relação é não obter o que um obtém.

A escola é um exemplo de competitividade, onde o aluno mais esforçado é sempre o que produz mais. Não há respeito às diferenças e nem o desejo de cooperação e integração para que isto não aconteça. A competição desportiva e a competição no mercado de trabalho são exemplos, também, de negação do outro, impedindo uma convivência de aceitação. Pois numa competição esportiva, é preciso vencer para obter o objetivo fundamental que é a vitória: no trabalho tenho que ser o melhor para poder ganhar mais ou ser promovido. Acontece que não

percebemos que a cada impulso competitivo, a cada instante de vitória, que mesmo me possibilitando a auto-afirmação desejada e ordenada, eu me excluo. A exclusão ocorre a medida que devo negar o outro, e assim promovo a minha individualidade. Que tipo de convivência se espera de uma sociedade que cultiva o individualismo? Seria necessário um ímpeto de empatia com o social ou uma reflexão de nossas ações frente a isso, para percebermos o que queremos e no que acreditamos para uma transformação necessária de convivência e aceitação. Para Maturana (2002, p.21), "o fenômeno da competição se dá no âmbito cultural humano e não no âmbito biológico, e o que configura a competitividade é a negação do outro." Para o mesmo autor, deve haver coerência recíproca nas relações entre as pessoas, o fundamental é a aceitação do outro ao invés de negá-lo. E é por isso que a competição não tem participação na evolução humana, porque culturalmente ela existe pela negação do outro e deste modo não permitiria que houvesse a convivência necessária para a preservação da espécie. O que mais preocupa atualmente, é que a competição se apresenta sob um discurso de bem estar social agregado ao estigma de competição sadia. Como algo pode ser sadio se é preciso negar o outro? Se é preciso destruir o outro para a plenitude "supostamente" necessária para a sobrevivência? O que ocorre é que somos "forçados" a essa competição que deprecia e restringe a convivência social. O importante nesta situação é saber que propósitos nos rodeiam se é um propósito individual que reafirma o desejo de competir e negar o outro ou um propósito social no qual o desejo se funda na transformação do sistema político, econômico e cultural responsáveis por enormes desigualdades, vistos na pobreza e sofrimento da maior parte da população.

O fato é que nós humanos trilhamos um caminho em que nossos desejos estão fundados num bem estar objetivo, ou seja, aquele em que os bens materiais são fundamentais para tornar nossa vida mais confortável. Desta forma, a nossa subjetividade reprimida e massacrada pelo sistema, acaba nos impedindo, muitas vezes, de perceber que este "bem estar" é passageiro. A maioria, não percebe que a família, os amigos, também nos causam bem estar, e isto faz parte da convivência de aceitação. Mas nos negamos a enfrentar a realidade, e por isso o homem está

sempre na busca da felicidade sem saber como encontrá-la. As adversidades e os interesses pessoais que compõem a competitividade não permitem uma convivência de aceitação e respeito. Seria recomendável que pelo menos a maioria das pessoas, decidissem com sensatez as suas escolhas, unindo o pensamento e sentimento para construir um mundo de respeito e sabedoria.

2 - A EMOCIONALIDADE E A RACIONALIDADE NOS COMPORTAMENTOS E NAS RELAÇÕES DAS PESSOAS

Todos os seres vivos, biologicamente, têm a capacidade de sentir. O homem nesta esfera viva se diferencia dos demais pela eficaz racionalidade que envolvida pela linguagem, interpreta e argumenta os fatos que a priori têm um fundamento emocional. Esta é a premissa fundamental que nos assegura um conhecimento não só científico, mas no cerne da nossa existência, um conhecimento da emoção. Isto justifica o que aceito e não aceito o que repulsa ou atrai e tantas outras escolhas que a emocionalidade permitir. Nesta dinâmica é que acontecem nossas relações com o meio, e a forma de como nos comportamos nele.

A partir das reflexões feitas no capítulo anterior, pode-se constatar que vivemos numa sociedade essencialmente racionalista, onde se banalizam as emoções transformando-as num sentimento casual. Em função disso, o amor como emoção que constitui as ações de aceitar o outro na convivência perde a sua legitimidade, ficando limitado a outras emoções. Por isso, negamos o amor no nosso cotidiano, e desta forma estabelecemos uma cultura de negação do outro na convivência, pois o discurso racionalista permite que isto seja possível. A intenção do presente capítulo é abordar a questão do comportamento do indivíduo neste processo de convivência, dentro de uma sociedade capitalista "intencionalmente" individualista e competitiva, sendo a educação, seja ela familiar, escolar ou social a maior responsável pelas ações e relações afetivas que formam e transformam o meio social.

O comportamento humano está baseado nos princípios estabelecidos entre ele e a sociedade, e esta interrelação é que vai definir as relações de convivência possíveis. Existem questões, dentro deste aspecto, que podem ser resolvidas pela razão, outras pela emoção. O modelo mental cartesiano é indispensável para resolver problemas humanos mecânicos (abordáveis pelas ciências ditas exatas e pela tecnologia). Mas é insuficiente para resolver problemas humanos em que participam emoções e sentimentos (a dimensão psico-social). Um exemplo: o raciocínio linear aumenta a produtividade industrial por meio da automação, mas não consegue resolver o problema do desemprego e da exclusão social por ela gerados, porque se trata de questões não-lineares. O mundo financeiro é apenas mecânico, mas o universo da economia é mecânico e humano (Nota de aula).

Segundo Maturana (2002, p.27), "somos seres determinados em nossa estrutura, e que reagimos conforme a nossa estrutura no momento." Por isso, podemos conversar e refletir de um modo num dado instante, e de repente, ocorrerem mudanças na nossa dinâmica estrutural, e passarmos a agir de outro modo em outras condições. Desta forma, vamos moldando o nosso espaço de convivência para as coisas que não aceitamos ou aceitamos e concordamos, estabelecendo assim, os princípios de relações. Isto acontece por que estamos constantemente participando de um espaço de relações, onde a convivência com pessoas e idéias diferentes permite reflexões, conversações e interações, que de certa maneira interferem nos nossos desejos e escolhas, fazendo com que ocorram mudanças em nossos comportamentos. Maturana (2002, p. 68), diz que:

Na medida em que diferentes emoções constituem domínios de ações distintas, haverá diferentes tipos de relações humanas dependendo da emoção no momento que a sustente.

Por isso que a emoção é indispensável na tomada de decisões. Neste sentido, pergunto como vão as relações humanas? Estão acontecendo dentro de uma emoção capaz de aceitar e respeitar o outro na convivência? Acredito que nossas relações precisam ser pensadas por que vão muito mal. Vê se no aumento

da violência, conseqüente de uma sociedade que mantém uma relação de exclusão e desigualdade. Não quero dizer que todo mundo não percebe isso, mas a maioria ainda não quer se dar conta disso. A questão é que se não mudarmos nossos valores e tentarmos construir uma convivência de felicidade, através do amor, para aceitação e o respeito, o que vai ser daqui pra frente que futuro nos espera? É preciso começar uma mudança para este sentido. E para isso, acredito que a educação é a base de tudo. Devemos respeitar e aceitar nossos filhos, nossos alunos, nossos amigos, nossa comunidade e por fim a sociedade como um todo. Lorenz (1986, p. 207), coloca que:

As percepções e sensações valorativas não se dão por meio de uma educação forçada; elas despertam por si mesmas se oferecermos a percepção e a sensação de imagens, principalmente a adolescentes e jovens ainda em estágios formativos o material factual não falsificado que nos é revelado pela "realidade cognitiva da natureza".

O indivíduo não quer sentir-se rejeitado pela sociedade, ficando condicionado pelo sistema a aceitar regras e modelos que negam uma convivência de respeito e aceitação, sofrendo interferência na sua estrutura. Seria necessário quebrar barreiras, ajustar os sentimentos e compreender a realidade que lhe é imposta. O problema maior deste conflito humano é estrutural e não conjuntural. E muitas vezes acreditamos que aderindo aos princípios, fundados na negação e exclusão do outro, é a única forma de termos acesso e permissão no contexto e nas interações sociais. Então posso perguntar, onde fica minha emocionalidade que deveria ser o ímpeto dos meus desejos e vontades, e desta maneira não aceitar certas imposições? Mas como já havíamos dito no capítulo anterior, vivemos numa sociedade racionalista, onde nossos desejos mais internos não passam de sentimentos desequilibrados e irracionais, e por isso nem percebemos como vivemos ou como nos relacionamos, por que nos passam tudo pronto, assim como uma receita de bolo em que não se pode mudar o ingrediente. Assistimos às notícias da guerra no Iraque e formamos uma opinião sobre ela. Mas essa opinião não foge dos parâmetros que já foram definidos previamente para justificar esta guerra. Neste sentido, o mundo moderno e globalizado permite que o lado que foi escolhido como

inimigo pode e deve ser negado pelas suas ações que a princípio não foram aceitas pela maioria. Quando isso acontece é por que não há uma reflexão que possibilite pensar a situação do "inimigo", a de que suas ações fazem parte de uma cultura que não tem os mesmos propósitos que a nossa, e que por este motivo teríamos que respeitar as suas escolhas.

Partindo-se da premissa de que certas ações são conduzidas por determinadas emoções, quer se tentar questionar o comportamento das pessoas nas suas relações de convivência numa sociedade que prega o individualismo e, conseqüentemente, a negação do outro. Tudo isso, sem fugir da realidade em que vivemos, tentando relacionar os fatos reais e cotidianos com a negação da afetividade, na visão de Maturana. Para isso, pretende-se mostrar que a educação, formal e informal, é o instrumento capaz de provocar interferências e transformações afetivas para uma possível convivência de aceitação e respeito, relacionando-a, sempre, a alguns aspectos de grande impacto na formação da identidade e das relações do homem, como o fenômeno da competição, a destruição da natureza, os conteúdos televisivos e a obsessão pela estética.

2.1 A Educação no processo de humanização

Falar em educação é falar de sociedade, pois é o que constitucionalmente assegura, pelo menos na teoria, a todos os indivíduos de forma "igualitária" o acesso á cultura, aos direitos e à cidadania. Mas a educação é muito mais que isso. Ela depende de todo um conjunto de ações e relações que envolvem as pessoas num espaço de convivência. Por isso, é importante rever alguns aspectos históricos importantes que influenciaram a educação do nosso país. Se formos por este lado, vamos lembrar que fomos descobertos por exploradores europeus com interesses puramente econômicos, onde a mão de obra escrava de negros e índios já anunciava a classe excluída e humilhada. Desta forma, estabeleceu-se uma cultura de interesses e preconceitos, fundada numa convivência de negação e de ausência de respeito ao povo "donos da terra", que certamente, compartilhavam de costumes

diferentes dos que os exploradores ali pregavam. Mas o que é mais interessante, é que aceitamos isso; não nos preocupamos em mudar esta situação imposta inicialmente. Isto nos possibilita questionar sobre o tipo de relação determinada para a convivência naquele momento, em que uma sociedade racionalmente estabelecida, vem dominar e controlar as ações e os desejos de outro povo. Assim, definiu-se uma política opressora, sistematizada por regras e princípios que ignoraram a subjetividade e a complexidade humana. Prova disso, é que nunca houve, na estruturação do nosso país, um interesse na qualidade de vida dos indivíduos. Então a começar por aí, o que se espera de uma educação, que desde o império, foi elitista e discriminatória? Relacionar hoje, a este contexto é essencial para que se possa, pelo menos, tentar entender o que aconteceu com nossos “cidadãos”, principalmente, negro e índios que nunca disponibilizaram de um acesso digno à educação e, conseqüentemente, de oportunidades melhores para superar suas dificuldades enraizadas historicamente.

Os fatores apontados acima foram cruciais para que a educação tomasse os rumos dos interesses do desenvolvimento econômico ditado deixando para trás os propósitos que décadas atrás, ainda brilhavam em passeatas e lutas pelo ideal de liberdade e igualdade. Mas a ditadura barrou a coletividade engajada neste processo, e então se firmou o poder de controle e dominação. Atualmente, percebe-se que existem pessoas que ainda acreditam nas transformações sociais e na conquista da liberdade e do respeito, coisas que foram perdidas e usurpadas pelo tempo. Uma mudança necessária e urgente nas relações e nos desejos individuais e coletivos, para que possamos compreender o mundo e descobrir a felicidade através do amor e da afetividade.

Maturana (2002, p. 29), afirma que.

O processo educacional se constitui nas relações de convivência de um com o outro, e que isto permite a transformação espontânea, de maneira que, o modo de vida se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência.

Mas que processo educacional é este? Quem ou o que se responsabiliza pela transformação ou conservação do educar? Um processo educacional pode ser definido pela dinâmica que ocorre nas interações de convivência através da reflexão, da conversação e dos encontros, tendo como cumpridores deste papel educativo a família, a igreja, a escola e a sociedade. O problema desta afirmação, é que as relações que estruturam este processo estão embasadas num sistema que nega o outro. Mesmo num meio importante como a família, onde se estrutura as bases das relações, isto acontece. Quantas vezes os pais recriminam as atitudes de seus filhos castigando-os ou dizendo que suas ações são erradas. Essa conduta é de não respeito e de não aceitação, pois não dá oportunidade à criança de rever os seus atos, impedindo desta forma que ela compreenda a conduta de respeito e de aceitação. Depois a escola, que deveria complementar e desenvolver as condutas de auto-aceitação, e assim proporcionar ações de respeito e aceitação do outro, não cumpre ou não quer cumprir este papel. E isto é fato. É só percebermos como são tratadas as crianças e jovens em certas instituições e salas de aula. São professoras despejando conteúdos sem se preocuparem com as realidades do seu grupo, com os desejos e as vontades que permeiam as cabeças e as relações dos alunos. A maioria das educandas quer respeito, mas mandam "calar a boca", colocam de "castigo" ou para "fora da aula", e muitas vezes, até para "fora da escola". Mas que educação é essa? Conseqüentemente, as crianças e os jovens, irão fazer o mesmo com os outros que com eles se relacionarem. O que devemos entender, é que devemos iniciar o processo de transformação, já na infância. Por que, nada melhor que ela, no seu processo puro de desenvolvimento, pronta a aprender e a receber, para se formar valores e sujeitos éticos na construção de uma convivência social.

É necessário que a escola deseje que isto aconteça, e substituir este seu mundo que reproduz relações de negação através de provas, de prêmios e da humilhação dos que não passaram de ano ou do agrado dispensado aos bons alunos, por relações de cooperação e solidariedade. Vemos neste sistema educacional um estímulo a competitividade, onde é preciso aprender a ser um perdedor. E as Universidades não ficam de fora deste meio, pois estão importadas com a demanda do mercado; vê-se a cada ano a criação de novos cursos. Sabemos, também, que os critérios de seleção para entrar na instituição estão nos

melhores desempenhos. Alguém pensou nos que sobram? Será que são as maçãs podres do cesto? Além do que, quem pode frequentar este meio acadêmico, são a maioria da elite que espera competir no mercado de trabalho para satisfazer e manter suas necessidades pessoais e consumistas. Qual o lugar reservado neste mundo de possibilidades anunciado, para os negros e pobres? Que educação é essa que quer formar um mundo de desigualdades? Que não se preocupa com a solidariedade e a cooperação? E muito menos com a subjetividade humana? Mas então que mundo queremos? O que desejamos realmente? Precisamos entender que a escola não é uma função estática, nós não somos estáticos. Acompanhamos as mudanças que acontecem mesmo que não percebamos e que estas sejam rápidas demais. Mas nesta corrida desenfreada que a tecnologia e o progresso "negativo" nos impõe, esquecemos da dimensão humana. Por que o termo negativo? Por que desumaniza, através de uma tecnologia que constrói bombas, e um progresso que esquece a maior parte da população pelos seus interesses puramente econômicos, fazendo crescer a pobreza e as desigualdades sociais. O que se quer, é um progresso coletivo de igualdade, através do acesso aos direitos de se ter uma vida digna de moradia, educação e trabalho. Então, quando deparo com crianças violentadas física e moralmente, penso que a maior responsável por esta cena, comum nos dias de hoje, é a sociedade. E quem é a sociedade senão todos nós? Por isso, que a educação é essencial na recuperação da humanidade que foi desvirtuada, e vai depender do olhar que os educadores têm sobre os educandos. Um olhar, onde é preciso perceber a realidade, respeitando as diversidades e as subjetividades. E sabe-se que é tarefa difícil mudar os efeitos que a sociedade causou ao longo do tempo.

Maturana diz que.

Como vivermos é como educaremos. e conservaremos no viver o mundo em que vivemos como educandos. E educaremos outros com nosso viver com eles, o mundo que vivermos no conviver. (2002, p. 30).

Por isso que as relações de aceitação e respeito são essenciais para uma convivência justa. Mas é preciso refletir sobre os nossos atos, nossas escolhas e

queremos acreditar que não somos únicos, que dependemos da coletividade e da diversidade para que possamos viver sem culpa, sem conflitos e descobrir, quem sabe, o caminho da felicidade. Para isto, necessitamos que renasça em nós a afetividade, perdida por este mundo pela imposição racionalista e pela discriminação a nossa sensibilidade. A educação neste contexto só tem sentido, quando formar pessoas verdadeiramente felizes e humanizadas, através de uma educação afetiva, uma educação para o amor. É preciso que a sociedade como um todo, estabeleça um projeto de vida que queira formar pessoas com muita ética e princípios. Mas no meio do caminho nos deparamos com relações de extrema negatividade que não contribui para esta construção. É o caso da televisão com seus programas, salvo raras exceções, que visam formar consumidores e não cidadãos; a destruição do meio ambiente para atender a interesses puramente financeiros; a obsessão pela beleza como meio de auto-afirmação e felicidade; a competição insana entre as pessoas na confirmação do melhor, que configuram nas relações de lazer e de trabalho, fazendo com que a convivência humana se distancie, cada vez mais, da afetividade, do respeito e da aceitação. Todas essas colocações devem estar vinculadas ao desejo de mudança que se constituem em nossas emoções, pois como diz Maturana, as emoções são responsáveis por todo o nosso afazer, e “o importante é nos inteirarmos dela, nos dando conta se queremos ou não as conseqüências de nossas ações” (2002, p. 85).

2.1.1 Educação x Televisão

Qual família brasileira não tem uma televisão em casa? Com algumas exceções, a maioria da população desfruta do aparelho para o "lazer" e a "informação". E este é o grande desafio do processo educativo. Pois, o problema não está na condição de se ter o aparelho, mas o que se vê nele. O conteúdo predominante não prioriza a qualidade cultural e intelectual das pessoas, mas a imbecilização destes aspectos frente a programas que não permitem o pensamento e a reflexão, e principalmente, o despertar do senso crítico. Isto fica fácil, à medida que os meios propagandísticos têm o papel de conquistar a grande massa e

subvertê-los ao modelo do sistema, através da inculcação de imagens diárias do que é certo ou errado, do que se pode ou não se pode fazer, do que é moda, do que é brega, sem dar chances ao indivíduo de formar a sua própria opinião. Segundo Lorenz.

Os publicitários descobriram, com os métodos comprovadamente válidos para as ciências naturais, que não têm muito sentido tentarem atingir o público-alvo de uma campanha com motivos racionais (1986, p.141).

A discussão nesta dimensão retoma a questão, de que o ser humano toma suas decisões e escolhas a partir de um ímpeto emocional, e os desejos podem ter efeitos do que se é obrigatório desejar. Assim, ainda para Lorenz (1986), é muito mais recomendável atingir as camadas mais profundas da alma humana, regida pelos sentimentos, ou até mesmo o seu subconsciente, do que promover a racionalidade. Não interessa aos grandes provedores televisivos que a população tenha acesso á informação verdadeira e útil para o seu desenvolvimento cultural e cognitivo, mas sim, manipulá-la, facilitando o controle e a dominação. Estes fatos entram em choque com os princípios educativos da família e da escola, que a priori, quer formar cidadãos e não consumidores.

Acontece que a televisão aberta, que serve a quase toda a população, tem programas de péssima qualidade, desinformando e deseducando, visto pelas suas novelas, shows de imbecilidade e programas de apelos dramáticos. A impregnação de propagandas, que como já foi dito, tem por finalidade fortalecer o mercado, também, contribuem para a decadência das pessoas. Talvez, os canais por assinatura sejam mais qualificados. Mas quem tem acesso a esses canais? Obviamente que não é a classe mais pobre, carente de cultura e informação, e nem a maioria da classe média, presa fácil do sistema capitalista.

Neste contexto, a grande vilã do "consumismo exacerbado" é a publicidade, que fere parâmetros e princípios, que instituições como a família e a escola querem injetar nas crianças e jovens na busca pela cidadania. A questão da ética das novas gerações é muito séria, também, por que ou se forma ou se deforma uma pessoa dentro deste processo de cultura e informação. Acredito que o Estado em nome da

sociedade, poderia intervir nas programações e evitar uma "catástrofe cultural". Mas é muito dinheiro em jogo e que envolve gigantescos empreendimentos. Acho que Lorenz (1986, p. 131), coloca muito bem, quando diz que não é só o prazer pelo crescimento a única motivação que arrasta a humanidade para o declínio, mas a ambição pelo poder e o empenho para a obtenção de um status, também nos levam para o mesmo caminho. Obviamente que fica difícil, mas não impossível, consolidar propósitos educativos com outros de interesse econômicos.

Seria importante nos darmos conta, da avalanche de informações fáceis e mentirosas, com propósitos sem validação construtiva para as relações humanas, e perguntarmos, onde ficam os sentimentos que poderiam mover a humanidade para uma evolução mais criativa e compreensiva? Mas ao nos depararmos com propagandas que usam o amor como mercadoria indispensável para se comemorar o "Dias dos Namorados", a esperança se perde frente ao indivíduo hipnóticamente consumista. É aquele monte de propagandas de celulares, de roupas e outros acessórios vinculados ao ato de amar, onde a televisão ordena que é preciso ter um namorado, nem que seja através de rezas e mandingas, e ainda, presenteá-lo. Isto é uma banalização dos sentimentos, para um mísero ato consumista. Lorenz, diz que os fabricantes de cosméticos vendem "não a lanolina, mas sim a esperança" (1986, p. 141). Aí, ocorre a frustração, seja de quem não têm o companheiro para presentear ou não consegue os efeitos prometidos do creme anunciado, acreditando que isso é essencial para a vida. Isto interfere na sua "deformação", por que se sente negado e incapaz de responder aos estímulos impostos pela sociedade. É um fato que contribui para a autodepreciação, e para a não aceitação e o não respeito a si mesmo. Quem se dá conta? As pessoas que têm acesso á cultura e a informação de verdade, que não se vedem à comemoração de dias ridículos, inventados por um sistema que quer ganhar dinheiro e destruir os princípios éticos da humanidade.

Como já foi dito anteriormente, a televisão não trabalha visando favorecer a cultura, e conseqüentemente, o discernimento crítico; ela quer entreter e conduzir ações mecanizadas e rotuladas em direção ao consumismo e a idiotização. Para uma nova culturação, seria preciso evitar a entrada de enlatados americanos violentos e bestiais que hipnotizam os espectadores com seus chutes e tiros,

instigando as pessoas ainda mais a violência como se ela fosse fácil e permitida; dar espaço à músicas de qualidade, com sons que resgatem a nossa sensibilidade; evitar sensacionalismos através de reportagens que mostram tragédias humanas e muitas outras coisas que impregnam nossos televisores. Por isso, que as famílias, a escola e a sociedade devem assumir um papel de responsabilidade para a vida, orientando e direcionando os seus filhos e jovens. Seria fundamental que o Estado controlasse as emissoras, contribuindo para a amenização da vida sexual prematura e pornográfica da juventude, da violência e do consumismo descontrolado; a família poderia se preocupar mais com a permanência dos seus filhos em frente à televisão, além, de selecionar os programas; a escola deveria ter a responsabilidade de orientar os seus alunos, debatendo e estimulando - os a criticidade das programações televisivas. Enfim, é preciso que nos preocupemos com a influência da televisão em nossas vidas, pois é séria. Por isso, acredito que somente pela educação é que temos alguma chance de reverter valores, e abrir os olhos da nova geração que vem aí, a princípio, obcecada por um mundo consumista que nega a compreensão, a solidariedade e a possibilidade de uma convivência fraternal. Mas é preciso querer que isto aconteça, através da interpretação e a reflexão do que realmente sentimos e precisamos, e desta forma escolher o caminho.

2.1.2 Educação x Meio Ambiente

Para se informar dos rigores do inverno, basta observar o comportamento das formigas. Colheita incessante e trilha extensa são uma indicação clara. A intensidade do frio e a instabilidade do tempo serão equivalentes a quantidade de alimentos que elas recolhem para o armazenamento. E como o homem agradece tão preciosa informação? Esmagando as operárias com os pés ou jogando veneno no formigueiro. (Georges Bourdoukan, 1997, p. 11)

A reflexão deste pequeno texto faz parte de uma série de exemplos observados na natureza em que o homem pode aprender com ela, mas nega esta relação, desprezando-a com reações tipicamente humanas de destruição. O exemplo acima, nos permite uma indagação: “a natureza pertence ao homem, ou o homem pertence

á natureza?"

O homem com o passar dos tempos, movido pela idéia de progresso e de ciência, construída em falsos pressupostos de que teria controle absoluto pela natureza e pela existência de recursos naturais infinitos, ousou em se apropriar destes recursos (ar, terra, rios, territórios, animais, minérios,...), degradando-os em benefício dos lucros privados. Pode-se dizer, que estes recursos são bens da humanidade, que estão sendo destruídos por interesses econômicos que comprometem as sociedades mundiais. Antes de entrarmos neste campo de degradação da natureza, é preciso nos inteirarmos das relações entre ela e o homem. Por isso, é necessário nos perguntarmos, do que dependemos para viver? Acredito que parece simples a resposta, na medida em que apenas citamos alguns fatores importantes para a vida como o ar que respiramos, os alimentos que nos dão energia e a água que bebemos. Aprendemos isto na escola, que utiliza suas cartilhas para depois podermos aplicar os ensinamentos nas comemorações do dia do Meio Ambiente. Mas a relação com a natureza é muito mais que uma sala de aula, é o nosso dia a dia, é a capacidade da dimensão humana.

Se quero construir minha casa, me sentar á mesa e comer grãos e frutos com boa qualidade; usar um bom sapato de couro e ter um bom carro para viajar, desfrutar das praias e dos campos para colher flores; se preciso de remédios que curem minha doença, quem me possibilita tudo isto? Tudo que consumimos quase que exclusivamente, é a natureza que nos oferece. Será que nos damos conta disso? Será a falta de compreensão e sensibilidade que leva a maioria das pessoas a não perceberem isto? Então, estão emocionalmente obcecadas pelo prazer do consumo, do poder e do status determinados pelas poderosas indústrias. Assim, dificilmente alguém vai querer refletir sobre o que acontece, e nem querer saber quem fornece os privilégios desta sociedade individualista e consumista. Pois neste meio, o mais importante é ter, não importa como. Na visão de Lorenz, os humanos estão perdendo as características específicas humanas, quando diz que:

O sistema reinante pôs em marcha processos de desenvolvimento na economia e na tecnologia que dificilmente serão reversíveis, se ainda não se houverem tomado totalmente irreversíveis, e que ameaçam

levar ao desaparecimento da humanidade como espécie (1986, p. 158).

Assusto-me com o discurso contraditório de uma sociedade que se diz totalmente racionalista, e que abusa da emocionalidade frágil das pessoas para o encaminhamento hipnótico e vazio das incertezas que se acumulam no destino da humanidade.

A vida é um fenômeno, que a princípio, só existe na terra, mas parece que poucos sabem disso, pois as ações do homem por onde passa são avassaladoras. Não é a toa esta afirmação, pois hoje, cerca de 11 % das espécies de aves, 25% dos mamíferos, 25% dos anfíbios, 20% dos répteis, 34% dos peixes e 12,5% das plantas estão ameaçadas (Revista Carta Capital, nº 294, junho de 2004). Mas o que acontece com o homem frente a esta realidade? Ocorre que a maioria das pessoas é subordinada a ordem social que institucionalizou a razão como a forma correta de pensar e agir, e discriminalizou a emoção nestas circunstâncias. A partir desta premissa, o importante é não darmos atenção ao que sentimos, mas simplesmente obedecermos aos mandados sociais. E como, a ordem é "ganhar dinheiro", não importa se destruo ou não a natureza, por que, refletir e compreender os sentimentos para um agir com responsabilidade, não valem neste mundo.

A indústria, junto com a tecnologia avançada, é quem comanda a maioria das ações destruidoras do meio ambiente. Com propósitos econômicos, inventaram e determinaram a aplicação e utilização de altas taxas de insumos químicos, mecânicos e genéticos em plantações como a soja, interferindo na agricultura. Esta é cultivada de forma insustentável que, também, leva a escassez da água. Outros problemas, também acentuam a degradação do ambiente, como a grande quantidade de esgotos jogados nos rios e a contaminação destes por agrotóxicos. Para Lorenz (1986, p. 162):

O exemplo mais grotesco de todos, é o da utilização da energia atômica, pois esta, tem vida útil de cerca de vinte a no máximo trinta anos, permanecendo radioativa por um período de aproximadamente vinte mil anos - a meia vida do lixo radioativo.

O desenvolvimento industrial das grandes cidades, aliado as questões políticas

e econômicas, também trouxeram problemas de estrutura social impensadas, como o aumento populacional, a multiplicação do número de carros, e conseqüentemente, a alta concentração de gás carbônico, poluindo ainda mais o ar; as aglomerações urbanas, que invadem terrenos, constroem prédios, e acompanham as mudanças de padrão de consumo aderindo aos plásticos e aos descartáveis.

São muitas as ações destruidoras a que o meio ambiente está sujeito, e somente, uma conscientização verdadeira do homem, de que precisamos mudar nossas atitudes diante destas situações, é que poderemos evitar conseqüências mais graves. A educação é um meio para isto. Mas esta deverá nascer dentro de um novo tipo de convivência e de relações. É preciso que nossas famílias, nossos amigos, nossa escola, a sociedade, o governo, e mesmo os empresários, grandes responsáveis, não interpretem o meio ambiente só como um bem econômico, mas que o integrem ao econômico, com responsabilidade de manutenção, preservação e métodos que não agridam a natureza. É necessário que nos voltemos para o sentido da vida, do valor da cooperação e da solidariedade, aproximando nossas crianças com as harmonias da natureza. É preciso refletir sobre nossas ações e escolhermos, dentro de uma emoção de cuidado e de amor, que futuro esperamos se não tiver mais recursos naturais para a nossa subsistência. Ficaremos sem água limpa, sem árvores para amenizar os efeitos do calor e do sol? Comeremos alimentos artificialmente produzidos, nos expondo á doenças como o câncer? Fazer a escolha diante do que nos espera se não mudarmos, acredito que não parece muito difícil. Lorenz diz que, "talvez seja possível, através do despertar do interesse pelas grandes correlações da natureza, despertar também a compaixão adormecida pela vida do semelhante" (1986, p. 195). Ainda para este mesmo autor, (p. 189), "o trato direto do jovem com a natureza, e a convivência com ela, é a melhor escola para se aprender que o mundo tem sentido."

2.1.3 Educação x Estética

Construir valores em cima de padrões estéticos estabelecidos pela sociedade moderna é muito comum hoje em dia. As indústrias de cosméticos e as cirurgias-

plásticas, junto aos interesses econômicos, vendem a idéia de que a beleza é fundamental; oferecendo juventude plena para os rostos com rugas ou marcados pelo tempo, como se a velhice fosse uma ofensa. Santin (1995, p. 22), coloca que: "hoje, mais do que nunca, a humanidade não aceita a imagem corporal envelhecida, porque envelhecimento significa decadência e fim da prospectividade." Como a presença do homem no mundo é corporal, a imagem que cada um tem de si é o que vai definir o tipo de relação que as circunstâncias requerem. O comportamento das pessoas frente a este fato, é quase que de total frustração e neurose, pois criasse uma obsessão pela perfeição não encontrada. E o mais grave, é que se sentem excluídas do padrão de beleza recomendado pelo sistema, se auto-depreciando e não se aceitando na convivência social. Ocorre que a busca pela perfeição, ou pelo menos próxima dela, não faz parte das relações essenciais para uma convivência de aceitação e respeito, pois isoladamente, o indivíduo quer buscar a beleza para si, numa auto aceitação superficial em cima de valores que não congrega sentimentos coletivos. Diante deste aspecto, não existe aceitação e respeito pelo outro, mas a comparação como outro. Santin (1995, p. 41), diz que:

O corpo se constrói a partir das relações sociais, e que desta maneira, o corpo individual não pode ser visto apenas como eu construo, mas se trata de um corpo que eu construo sob o olhar do outro e para que ele possa ser olhado pelo outro.

Neste sentido, os corpos passam a ser objetos de valorações ou desvalorações. Assim, a sociedade que se denomina racionalista, não quer valorizar nossos corpos como meio de relação para a construção de uma sociedade solidária e cooperativa, onde um e outro se respeitem e se aceitem com suas diferenças, mas quer seduzir e destruir emocionalmente a sensibilidade das pessoas para o que ela determina.

Hoje, a idéia de estética nos conduz a um olhar da aparência dos corpos, mas ela é muito mais que isso. Estética significa sensibilidade, e nas palavras de Santin (1995, p. 53), "sensibilidade significa vivência, sentir - se e sentir com o outro: substratos do costume" O termo costume, significa ética, e na sua visão, (p. 29)

"os costumes, o comportamento e as relações dos homens são altamente práticos." Desta forma, acredita que mesmo distintas, a ética e a estética estão vinculadas ao passado histórico da humanidade, pois os costumes dos povos sempre determinaram o agir de cada geração.

Todas as coisas que vivemos é fruto do que sentimos. Este aspecto é fundamental para compreendermos como estamos vivendo atualmente, e de percebermos como estão nossos sentimentos numa sociedade que sempre os desprezou. As transformações históricas pelas quais a civilização passou, foram tão rápidas e conturbadas, que o homem perdeu-se no entendimento das questões éticas e estéticas do convívio social. Pois tais ficaram embasadas em uma ética "moralista" que só legitima aquilo que pertence aos critérios estabelecidos pela sociedade racional.

Em que sociedade vivemos? Se viver é realizar o que sentimos, pergunto como nossos sentimentos são tratados neste mundo que os nega, em favor de uma racionalidade que determina o nosso agir? Qual a razão de se negar a velhice, já que sabemos que todos passarão por ela? Se o corpo é tão importante neste processo, por que a beleza é negada aos pobres e excluídos com seus corpos desnutridos e maltratados pela fome e o desemprego que os atinge? A vida para estes corpos é negada. Eles são a denúncia de uma ética unilateral e insensível. Mas acredito que muitas pessoas acordaram para o mundo, e lutam para reverter o que está aí. Neste contexto, a educação física tem um papel importante na reconstrução dos corpos, se orientar o seu trabalho não para a competição e a superação, mas na recuperação da sensibilidade e da felicidade do indivíduo, resgatando valores perdidos pelo tempo como a solidariedade, a subjetividade, o respeito e a compreensão. Em outro caso, a percepção do belo foi deturpada a medida que se negou a sensibilidade das pessoas em relação a natureza, por exemplo. A destruição e a exploração da mesma, sem a mínima compreensão de que dependemos dela para viver, acusa uma insensibilidade frente ao que pertencemos. A beleza da natureza ficou ofuscada pela sedução que o individualismo e o conforto material provocaram nas pessoas. Parece que não há entendimento de que o belo nasce espontaneamente da percepção coletiva de todos.

A estética pode expressar muitas vezes, o dinamismo de uma sociedade. E o que vemos hoje? Influenciados pela medicina, pelas ciências e a tecnologia estamos diante de uma ordem consumista e mecanicista do que é belo. Por isso, que as academias estão cheias de seres que querem esculpir os seus corpos para atingir a ordem da objetividade racional, sem perceber que a subjetividade está latente e que é preciso quebrar este muro para a sua libertação. Será que a felicidade está no prazer destes corpos esculpidos, ou nos corpos que se encontram espontaneamente em busca de uma convivência de respeito e aceitação?

Uma educação voltada para o ensinamento dos jovens e das crianças contra a manipulação do seu desenvolvimento emocional e intelectual, como diria Lorenz (1986, p. 191), irá contribuir para que descubram o âmago das propagandas mentirosas e artificiais."Pois, caso contrário, será difícil revertermos o processo de destruição dos corpos pela desumanização acelerada, proporcionada pelos poderosos que sempre acharão formas de manipular e dominar a grande massa populacional.

2.1.4 Educação x Competição

No âmbito cultural humano, a supervalorização de coisas erradas e sem importância para a realidade, é a ponto de prejudicar o indivíduo e suas relações. A competição é uma delas. As pessoas foram tomadas pelo desejo de vencer sempre. Isto pode ser visto em qualquer relação cotidiana, seja numa grande empresa, onde existe uma corrida para a ocupação do melhor cargo, ou num jogo de basquete, onde é preciso sobrepujar o outro para a conquista do título. São fatos conhecidos, mas mesmo assim a maioria da população sente-se seduzida pelo prazer do sucesso. E uma ambição fabricada pelo capitalismo, onde ganhar dinheiro e vencer tudo e todos, segundo os princípios deste sistema, irão garantir felicidade e prazer "eternos". Lorenz diz que, "a propensão á competição, a tendência de uma pessoa querer 'levar a melhor' sobre outra, também leva a idéias supervalorizadas que hoje mantêm cativas muitas pessoas civilizadas" (1986, p. 151).

Todas as pessoas que passam a considerar o objetivo principal de sua vida o de somente "ganhar", define este, como sendo o impulso da sua busca pelo sucesso, e conseqüentemente, pela felicidade. Mas para alcançar satisfatoriamente este objetivo, é preciso negar o outro no âmbito da sua convivência. Desta forma, se constroem relações em cima da negação e o não respeito pelo outro. Por isso, que valores como a compaixão e a solidariedade não podem interferir neste processo, pois caso contrário, não haveria parâmetros para medir a conquista de suas metas. Como já havíamos dito no primeiro capítulo, o amor que deveria ser a emoção responsável pelo fim desta desenfreada competição, que prejudica a maior parte da humanidade, não faz parte do homem ambicioso e com propósitos individualistas.

Quando me deparo com multidões, nos fins de semana, passeando em shoppings, fico imaginando quão robotizados para o consumo e ao prazer artificial e individual está a nossa civilização. Temos muitos exemplos de situações em que presenciamos a competitividade exacerbada, como numa aula de educação física, onde a maioria dos professores estimula constantemente seus alunos a competição, seja num jogo ou até numa brincadeira. Sei que todos estão cansados de ouvir isso. Mas o que deveria ser de total prazer nesta situação, passa a ser uma disputa pelo primeiro lugar, e o pior, as crianças se utilizam da violência e do estresse físico, demasiadamente, sem sentido para vencer o colega. Acontece que depois, todos passam a se distanciar cada vez mais dos sentimentos de companheirismo e de cooperação, porque o seu colega passa a ser o seu grande desafio. Desta forma passa a negá-lo e a desrespeitá-lo para alcançar a vitória.

A sociedade racional quer apagar o que pertence a todos nós, que são nossos sentimentos que congregam a afetividade, o respeito e a aceitação. Como vou compreender o outro, se nessa corrida desenfreada para ser o melhor, é preciso "saquear" a oportunidade do outro? Como o homem se comporta diante do fenômeno da competição? Como compreendemos isso? Estamos possuídos por valores que não unem as pessoas em torno de um bem comum, desencaminhando a nossa capacidade de compreender como se dariam as relações se fosse de outra forma. A coletividade é desagregada, a medida que os seus componentes precisam negar um e outro do grupo para alcançar seus propósitos individuais.

Acredito que a cultura da competição criada entre nós, invadiu as relações pessoais como se não soubéssemos viver sem ela. Muitos que pensam: coitados dos miseráveis que catam e comem o lixo! Mas não sentem compaixão o suficiente para mudar esta realidade. Acho que o medo de perder as vantagens conquistadas, não permite o engajamento para uma mudança. Esta é a prova de que nossos sentimentos foram controlados e dominados por uma ordem social, em que somente o pensamento deve prevalecer. Ainda que, este deva ser estruturado a partir de princípios já determinados. Aqui, sentimentos de “pena” e “compaixão” não devem conduzir as ações, a não ser que se queira. Exemplo disso, é o caso das tragédias humanas em que famílias perdem suas casas ou seus filhos estão morrendo de fome e frio. Aí sim, estamos permitidos a uma ajuda racional e emocional. Esta é a hora de agirmos por um propósito coletivo de solidariedade. Mas passada as circunstâncias trágicas, muitas vezes, aquele sentimento de união desaparece tão rápido, e a sensação do compartilhar e do aceitar o outro se distancia novamente para dar lugar ao nosso egoísmo de costume.

Por isso, que a educação, digo de uma maneira não formal, mas uma educação para a vida seja na escola, na família, na roda com os amigos, nas ruas, faça despertar em nós a afetividade e a compreensão perdidas. É um aprendizado demorado e diário, mas deve ser persistente e trabalhado coletivamente em ações que o justifiquem. A competição existe porque aderimos á ela. E esta mais do que na hora de mudarmos esta situação. É preciso pensar que podemos realizar nossos estudos e nosso trabalho sem cairmos na tentação do consumismo e do individualismo. Devemos educar nossa razão e emoção, nos conscientizando e interpretando-as, e orientá-las para um agir com responsabilidade, reconhecendo o outro e o mundo que queremos.

3 - VIOLÊNCIA FÍSICA: DESAPARECIMENTO E MORTES EM ALGUMAS CIDADES DO RIO GRANDE DO SUL

Acredito que alguns dados são importantes para análise da problemática da disparidade social em que vivemos. A realidade descrita abaixo nos mostra a situação da criança brasileira, especificamente em algumas cidades do RS, inserida num contexto de violações sistemáticas de direitos humanos como a tortura, a fome a miséria e a violência. Tais dados fazem parte do Relatório Azul editado em 2003 pela Comissão de Cidadania e Direitos Humanos do RS.

PASSO FUNDO

Quadro 1 – OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO CRIANÇA VÍTIMA

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	TOTAL
Atentado violento ao pudor	1	2	3		2	6
Desaparecimento	1	7	7	3	1	20
Estupro		1			1	2
Outros furtos					4	1
Lesão corporal	11	3	4	5		27
Localização	3	3	2			8
TOTAL	16	16	16	8	8	64

Fonte: Relatório Azul apud Polícia Civil / RS, p. 32.

ERECHIM

Quadro 2 – OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO CRIANÇA VÍTIMA

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	TOTAL
Atentado violento ao pudor				1		1

Estupro	3			3
Lesão corporal		1		1
Maus tratos	1			1
Outras	1			1
TOTAL	5	1	1	7

Fonte: Relatório Azul, p. 33.

PANAMBI

Quadro 3 – OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO CRIANÇA VÍTIMA

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	TOTAL
Outros furtos				1		1
Lesão corporal		1	1			2
Outras	1	1		3		5
TOTAL	1	2	1	4		8

Fonte: Relatório Azul, p. 34.

SOLEDADE

Quadro 4 – OCORRÊNCIAS ENVOLVENDO CRIANÇA VÍTIMA

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	TOTAL
Atentado violento ao pudor	1	1		1	1	4
Desaparecimento	1			3		4
Lesão corporal	1	1		1		3
Outras	2	1	1	3		7
TOTAL	5	3	1	8	1	18

Fonte: Relatório Azul, p. 34.

3.1- As Instituições

Atualmente ouve-se falar muito em Direitos Humanos, e dentre as instituições que mais se sobressaem é a Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa e o Ministério Público (Estadual, Federal e do Trabalho). São realizados muitos seminários, debates, campanhas e outras formas de grupos de trabalho dentro desta temática. Mas estas instituições podem ou poderão mudar este cenário de violência que acomete crianças de famílias pobres e miseráveis?

No presente estudo, este fato se torna apenas uma observação política para que possamos “racionalizar” os números de vítimas, e talvez usar nossa percepção “dilacerada” com o tempo, para nos mover em direção dos nossos sentimentos e das nossas ações em relação a esta situação.

Mas aqui, volto a falar nas “instituições”. Houve muitos avanços nesta área, no sentido de se garantir alguns direitos de igualdade e cidadania, mas ainda estamos longe de uma convivência digna e de respeito. Os preconceitos mesmo

sendo combatidos em certos momentos, também crescem assustadoramente em outros. A xenofobia é um exemplo. O aumento da aversão a estrangeiros nos países da Europa nos mostra um sistema que cavou estes princípios ao longo da história. Por que tratamos ou somos tratados com preconceito? Talvez, por que

convivemos com a lógica individualista, competitiva e produtiva da modernidade e apenas a reproduzimos não compreendendo que a questão é saber como se dá a exclusão ou o preconceito nesta convivência.

Os projetos sociais criados pelas políticas públicas são muito bons desde que tenham o objetivo de transformar os indivíduos que participam deles, e também os que o rodeiam como a comunidade, a escola e a família. Porém, estes projetos não podem ser meros promovedores de seus executores. Antes que eles aconteçam, é preciso entender a subjetividade e a realidade sensível do ser humano, respeitando e aceitando as individualidades e as realidades com amor e compreensão, senão jamais algum projeto assistencial ou educacional irá refletir alguma transformação na sociedade. Se uma criança convive com a violência irá reproduzi-la, mas se tiver outro tipo de tratamento poderá mudar suas atitudes.

O Projeto ASEMA (Apoio Sócio-educativo em Meio Aberto), é um exemplo de projeto que existe no Governo Municipal de Santa Maria, especificamente na Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania, que atende crianças vítimas de alguma vulnerabilidade social como violência física, maus tratos, miséria ou que vivem na rua, que poderia ser um meio de transformar uma pequena parcela da população. Mas suas ações positivas de inclusão e proteção não dependem somente das teorias que lhe dão sustentação, mas da execução delas pelos educadores que participam. Por isto, a importância da compreensão destes educadores com o mundo da convivência de respeito e de aceitação. Maturana (2002), nos coloca que aprenderemos o que nos é passado na educação por nossos educadores seja a escola, a família ou a comunidade em que se vive. Por isso é preciso que o mundo confirmado por estes, seja um mundo de respeito e aceitação, para que o educando possa confirmá-lo nas suas ações da mesma forma.

4- A EMOCIONALIDADE E A RACIONALIDADE NO GRUPO DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO PROJETO ASEMA

4.1- O Que é o Projeto ASEMA?

ASEMA (Apoio Sócio-educativo em Meio Aberto), é um programa de atendimento á criança e ao adolescente que se encontra em situação de vulnerabilidade social Este presente Projeto cumpre com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que é enfático quando requer a participação não só do Estado, mas da família e da sociedade em geral na promoção dos direitos da criança e do adolescente.

4.1.1- Objetivo Geral:

Implementar ações que garantam a proteção integral da criança e do adolescente na modalidade Apoio Sócio - Educativo em Meio Aberto.

4.1.2- Objetivos Específicos:

- Implantar e implementar oficinas recreativas, esportivas, culturais, artísticas e de apoio pedagógico;
- Desenvolver ações educativas e de socialização dos grupos;
- Garantir a participação dos conselhos tutelares;
- Encaminhar os adolescentes e seus familiares para a rede de atendimento de educação, saúde e assistência social.

4.1.3 - O que são consideradas situações de vulnerabilidades sociais neste caso?

Maus tratos, violência física, miséria ou extrema pobreza, drogadição, trabalho infantil, crianças que estejam cumprindo medida sócio educativa, sob proteção ou vivendo na rua.

4.1.4 - Quem pode participar do projeto?

Crianças ou adolescentes de 08 a 14 anos que estejam estudando, e que se enquadrem em alguma das situações de vulnerabilidades apontadas acima.

4.1.5- Quem trabalha no projeto?

Coordenador do Projeto, professores, estagiários, pessoas da comunidade e voluntários.

4.1.6- Quem executa o projeto?

Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania de Santa Maria.

4.1.7- Estruturação do projeto ASEMA Em Santa Maria

O ASEMA teve início no ano de 2002, atendendo três núcleos com aproximadamente 25 crianças cada. Atualmente, atende cinco núcleos que serão descritos abaixo:

A) NÚCLEO I

Local: Vila Nossa Senhora da Conceição / Escola Nossa Senhora da Conceição.

Turno: manhã

Número de crianças atendidas: 20

Atividades oferecidas: dança, futebol, artes plásticas e ludoteca.

B) NÚCLEO II

Local: Vila Urlândia / Escola São Carlos

Turno: manhã

Número de crianças: 20

Atividades oferecidas: apoio pedagógico, artes plásticas, futebol, ludoteca e recreação dirigida.

C) NÚCLEO III

Local: Vila Nossa Senhora do Trabalho Associação Comunitária Andorinhas

Turno: tarde

Número de Crianças: 25

Atividades oferecidas: Apoio pedagógico, artes plásticas, reciclagem, capoeira canto e futebol.

D) NÚCLEO IV

Local: Vila Lorensi / Centro de Atendimento Integral à Criança (CAIC)

Turno: tarde

Número de crianças: 30

Atividades oferecidas: Apoio pedagógico, capoeira, teatro, futebol e ludoteca.

E) NÚCLEO V

Local: Bairro São José / Igreja São José

Turno: tarde

Atividades oferecidas: Atletismo, apoio pedagógico, futebol e recreação dirigida.

A escolha dos núcleos para o funcionamento do Projeto se dá posteriormente ao diagnóstico das regiões que apresentam maior risco social. Logo após, o núcleo é implantado na região selecionada em um local que tenha condições básicas para o

atendimento das crianças: uma sala com mesas e cadeira, um armário para armazenamento do alimento, fogão para o preparo do lanche e sanitário. Este local poderá ser uma sala de escola, um salão comunitário ou um salão de igreja. Como o Projeto se desenvolve por metas, não é possível implementá-lo em todas as regiões de vulnerabilidade social da cidade, pois o orçamento é limitado às metas estabelecidas ao ano. Este orçamento contempla material didático e desportivo, camisetas e calções, pagamento dosicineiros e monitores. Como o objetivo do ASEMA é dar proteção às crianças ou adolescentes em situação de risco, a seleção das crianças é realizada de acordo com os critérios de vulnerabilidade estabelecidos anteriormente. Caso funcione em escolas, cabe a supervisão da mesma, indicar as crianças de maior vulnerabilidade; se em salão comunitário ou igreja, além das pessoas envolvidas no local, a escola mais próxima também deverá fazer a indicação. O número de vagas é limitado, no máximo 30 crianças por núcleo, respeitando-se desta forma as metas e os espaços dos locais. Após a implementação do Projeto, que deverá funcionar de segunda-feira a sexta-feira em turno inverso ao da escola, o coordenador faz um plano para determinar quais as atividades (oficinas) que deverão fazer parte do funcionamento diário dos núcleos. As oficinas serão conduzidas pelo professor selecionado que desenvolverá a atividade específica da sua formação que é previamente avaliada pela coordenação. Também, podem participar do quadro de atividades pessoas da comunidade local onde funciona o Projeto, desde que apresentem alguma habilidade e que possam contribuir no enriquecimento da aprendizagem e socialização das crianças. Exemplo disto, é o ASEMA do núcleo São José, aonde uma pessoa da comunidade veio espontaneamente ensinar cestaria, ou como o caso do núcleo do CAIC onde uma mãe quis ensinar crochê para as meninas. O envolvimento de pessoas da família das crianças e das pessoas da própria comunidade nas atividades, é importante para a auto-estima dos moradores da região e do fortalecimento do vínculo afetivo das mães com seus filhos.

O monitor é a pessoa que tem uma função essencial no Projeto. O seu papel é fundamental para que o núcleo do qual é responsável tenha êxito no seu objetivo. Este deverá estar presente todos os dias e assumir todas as responsabilidades do grupo que coordena como o preparo do lanche, o horário de entrada e saída das

crianças, a frequência dosicineiros e das crianças, organizar reuniões de pais, avisos de eventos, acompanhar as crianças ao sanitário caso o projeto funcione em escolas (há muita cobrança das diretoras quanto ao trânsito das crianças pelos corredores). Este último é um aspecto negativo para o programa, na medida em que se quer desinstitucionalizar-se das regras escolares e permitir que as crianças tenham uma convivência mais libertária. Ao coordenador do Projeto são delegados poderes para trocar as atividades que não estejam agradando as crianças, trocar a monitoria se esta não estiver de acordo com suas responsabilidades, supervisionar os núcleos quanto á higiene, tratamento das crianças, lanche, material e avaliar as oficinas desenvolvidas. São realizadas reuniões mensalmente com entrega de relatórios pela monitoria, constando as desistências, caso houver, frequência dosicineiros e crianças, a participação dos núcleos em eventos da escola, comunidade ou em Conferências e Seminários. O ASEMA não contempla uma metodologia de trabalho específica, mas quem fizer parte dele, seja como monitor ou professor, deverá respeitar as crianças, ter compreensão das suas realidades, estar preparado para enfrentar atos violentos entre elas, entender sobre violação de direitos humanos, cuidar para não cometer os mesmos atos de exclusão impostos pela sociedade e muitas vezes pela a própria família.

A seguir, irei descrever minhas observações ao longo de três anos como monitora. Tentarei colocar de forma clara como eram as crianças, como se relacionavam e suas famílias a partir de exemplos e histórias que contribuíram para mim chegar nestas reflexões que faço e busco hoje.

4.2- As crianças

As crianças que participam deste programa têm uma trajetória de vida semelhante. A maioria tem entre oito e doze anos, não mora com seus pais verdadeiros. Se morar com a mãe, não conhece o pai. Se conhece o pai mora com a avó e assim por diante, sem ter uma estrutura familiar adequada para o seu desenvolvimento afetivo. Observa-se que a maioria mantém em segredo sua vida familiar mesmo que sejam mal tratados ou violentados não falam e nem querem

ouvir falar sobre este assunto. A cor negra domina nos vários grupos, nos confirmando o preconceito enraizado historicamente. As características físicas sugerem corpos magros e mal nutridos, cabelos ralos e crespos servindo, quase sempre, de abrigo para "piolhos". Suas moradias variam de uma a três peças no máximo que abrigam em torno de oito a dez pessoas cada uma. Vivem apertados e sem conforto. Grande parte convive com o drama de ser negado pela mãe que opta por uma vida de hedonismo. Contudo, são vítimas de violência e agressão desde pequenos guardando seqüelas psicológicas e físicas nas suas relações muitas vezes irreversíveis. Convivem com as situações de alcoolismo, drogadição e brigas entre seus familiares, principalmente do pai ou padrasto. Isto, confirmado em depoimentos de familiares e mães que contaram as "surras" que levaram de seus companheiros bêbados, e que junto a estes acontecimentos muitos de seus filhos foram agredidos. A fome é outro problema sério. Com tantas bocas para serem alimentadas todo dia e sem condições para comprar comida, muitas crianças são obrigadas a pedir dinheiro ou alimento na rua, expondo-os ao constrangimento. Abaixo serão descritos alguns exemplos de histórias que aconteceram no Projeto, e que ao longo de três anos foram registrados em anotações, observações e depoimentos de familiares.

4.2.1- Alguns exemplos

CASO A: A criança A (9 anos) e a criança B (12 anos) eram irmãs e freqüentavam o Projeto junto com a criança C (11 anos) que era filho apenas do padrasto das meninas A e B. Elas nunca conheceram seu pai. Foram dois anos de convivência com estas crianças e sua família, o que possibilitou uma afinidade muito grande entre eu e as crianças. A criança C era muito violenta e revoltada. Muitas vezes, deu socos e pontapés nos colegas e também em alguns professores. Quebrou e estragou material sem motivo aparente. As meninas A e B eram o oposto, quietas, tímidas e com grandes dificuldades de relacionamento no grupo. A criança A tinha uma enorme deficiência de aprendizagem cognitiva e motora. Sabia ler e escrever muito pouco e cursava a segunda série, suas habilidades motoras poderiam ser

comparadas a uma criança de sete anos. A criança B, era esperta e inteligente. Com o tempo fui observando e descobrindo coisas interessantes sobre esta família. As meninas A e B foram confidenciando fatos que começavam a justificar certos comportamentos. Um dia contaram-me que seu padrasto obrigava-as a lavar louça todos os dias com uma cinta na mão, e que muitas vezes, as agredia. Também, tinham que tomar banho três vezes por dia, além de lixarem e cortarem as unhas dos pés do agressor por um real. Mandei que chamassem sua mãe e comentei o caso. Disse-me que era difícil reverter a situação já que o tal padrasto sustentava toda a família, e ela tinha mais três filhos em casa. Aproveitei para falar da criança

C. A história confirmava o comportamento violento. O que "C" mais queria era morar com sua mãe verdadeira que era dona de uma casa de prostíbulo e não queria saber dele. Por isso a aversão às mulheres? Então era isso! Pensei. Quando ia visitar, "muito raramente" sua mãe, era a pessoa mais alegre do mundo, mas ao retornar do passeio vinha mais violento e revoltado.

CASO B: A história da criança A (10 anos) era muito dramática e custei a compreender como acontecem certas coisas. Muito magra, cabelo crespo e sempre preso tinha marcas de queimadura no pescoço e de cortes nos braços. Passava por tratamento psicológico. Sua história: pai alcoólatra, que antes de ser assassinado, por muito tempo espancou seus filhos com o que tivesse a mão como corda, cinta, faca e a água fervendo que atirou em nesta criança certa vez, o que lhe provocou a imensa cicatriz. Sua avó que assumiu a maternidade contou-me a história e o descaso da mãe com a filha.

CASO C: A criança A (11 anos) que agora está sob a guarda da avó, sofreu tanto quanto o caso comentado anteriormente. Sua mãe prostituta, alcoólatra e drogada agredia fisicamente seus filhos desde muito pequenos. Segundo a avó, esta criança e seus três irmãos eram trancados em casa sem condições de higiene e alimentação, para que a "mãe" pudesse se divertir com seus companheiros. Dormiam no chão puro e apanhavam constantemente. No Projeto, mostrava-se muito sensível e carente, chorava por qualquer coisa. Ficava feliz quando a turma não brigava e, também, quando conseguia realizar alguma tarefa que considerava difícil.

CASO D: A criança A (12 anos) tinha vergonha da sua realidade. Descobri isso, o dia em que fui visitá-la e ela não quis que entrasse. Vi que a casa não passava de um pequeno quadrado com laterais muito tortas e desnivelado, e que mesmo parecendo impossível, abrigava umas dez pessoas. Mas o que mais me chamou atenção foi que o telhado tinha tanto lixo quanto ao redor da sua moradia. Eram garrafas de plástico, sacos, latas. Nunca perguntei por que tamanha sujeira, mas acho que segurava o telhado. No Projeto, comportava-se com desconfiança, falava muito pouco, e de vez em quando agredia os colegas. Achava o máximo seus tios que roubavam e fumavam maconha.

CASO E. A criança "A" (10 anos) nas minhas constatações foi o caso mais difícil de lidar. Nem a mãe conseguia dominá-la, quando entrava em surto de raiva, babava e gritava como se alguém a tivesse espancando. Tínhamos, eu e os professores, que ficamos muito atentos no seu comportamento, pois se acontecia algo que não a agradava, batia com tanta violência nos seus colegas ou com sua cabeça no chão, que poderia colocar todos numa situação de perigo. Sua história; pai alcoólatra espancou desde pequenos ela e seu irmão. As pancadas freqüentes que o irmão recebeu na cabeça, o deixaram seqüelas neuronais irreversíveis. A mãe disse, que seus filhos não tiveram "sorte" de ter uma vida normal.

CASO F: Os irmãos gêmeos "A" e "B" (10 anos) vieram de uma família de nove irmãos. Seus pais estavam desempregados. Na hora do lanche, pegavam bolachas e guardavam no bolso para levarem para casa. Para eles o que mais importava no Projeto era este momento. Avançavam no lanche primeiro do que todos no grupo, parecia que não ia sobrar.

4.2.2- Exemplo de um dia no ASEMA

Num dia comum de trabalho, sempre olho pela porta para ver e ouvir passos apressados em direção á sala. São várias crianças que chegam em pequenos grupos e vão se acomodando uns pelo chão, outros pelas cadeiras. Quase todos

aparentando entre sete e doze anos de idade, talvez uns, que pelo corpo franzino e desnutrido, a fala errada e arrastada, aparentam menos do que realmente têm. São pobres, a maioria de cor negra e filhos de pai alcoólatra. Peço para que escutem os avisos, mas parece que ninguém se importa com eles. As discussões e insultos começam cedo, mas é rotina para quem está acostumado a coisas piores em casa. Chega o professor da "oficina" do dia... Todos gritam e correm, querem sair logo, querem jogar. O que se vê a partir daí são muitos chutes, tapas, empurrões. Chinelos de dedos arrebatados, alguns pares de tênis furados. É hora do lanche: o que tem professora? Sopa de feijão, eu não como. Canjica muito menos. Arroz de leite empaçocado? Pior ainda! Mas mesmo assim, tem que comer, porque, o que será que terá em casa depois? Faz muito frio, e a sala fechada cheira mal. É difícil um banho quente neste dias. Chega a hora de ir embora: não quero ir professora, é cedo! Mais um pouquinho... Sob os olhares tristes, há um forte sentimento, de que alguém se importa com elas.

4.3- As relações

A partir do que foi descrito acima, pode-se perceber que durante três anos de convivência com os grupos, atos agressivos e violentos foram presenciados e relatados com veemência. Histórias individuais confirmaram esta realidade, mas o que acontecia na rotina do projeto entre grupos de vinte a vinte e cinco crianças pode mostrar as relações de violência reproduzidas entre elas. Poderia utilizar muitos exemplos para justificar tais comportamentos, mas acredito que alguns casos são suficientes para compreendê-los. Os jogos de futebol, as brincadeiras recreativas, os trabalhos de produção artística e simplesmente o ato de sentar ao lado do colega eram um prato cheio para iniciarem uma cena de agressão. As ofensas verbais, também muito freqüentes, denunciavam o preconceito entre eles mesmos, os termos mais usados "nego sujo", "pobre" "fedorento", "louco de fome", "feio" e assim por diante. Sempre quis entender um negro, sendo negro, ofendendo a sua própria raça, ou que estivesse na mesma situação do colega e atacar-lhe bruscamente como se não vivesse a mesma realidade. Parece não se darem conta

da suas realidades. Será a imposição racional de que suas situações são normais? Por um certo tempo, tentei observar alguma manifestação de afeto e compreensão entre eles. Percebi que tinha motivo para este momento, quando alguém ganhava algum brinquedo novo, ou levava alguma guloseima. Aí, o interesse pelo colega era grande. Muitos adotavam uma fala mansa e o respeito com o outro aparecia. Mas também, tinham aqueles que ficavam com ciúmes, ofendendo e culpando o colega por qualquer motivo. Seria um mandamento do sistema competitivo e materialista?

As atividades de recreação sugerida de modo cooperativo dificilmente eram aceitas. Ninguém queria se ajudar, mas o importante era tentar se sobressair, ganhar. De novo um princípio capitalista, de que "tenho que ser o melhor?".

4.3.1 - Alguns exemplos

CASO A: "O jogo de futebol transcorria normalmente, quando o time de "A" sofreu um gol. As jogadas passaram a ser mais agressivas. Eram chutes e rasteiras entre as pernas do colega "adversário", e a cada instante parava-se o jogo. Mas a raiva e o ódio de "A" e, agora, do resto do time era incontrolável. Foi então, que os ânimos coletivos explodiram numa luta corporal. A quadra de futebol virou um ringue."

CASO B: "Numa aula de artes plásticas, as crianças foram divididas em vários grupos para realizarem um trabalho. Muitas meninas relutavam a participar com alguns colegas, alegando que eram sujos e gordos. A situação levou uma das meninas, a querer fazer parte do grupo coordenado pelo colega mais alto e forte, aquele que intimidava a maioria. Outra opção que ela reivindicava, era o grupo de "A" a mais "arrumadinha" e inteligente da turma, senão preferia trabalhar sozinha. Como a professora não aceitou as trocas exigidas, a proposta de trabalho foi por água abaixo."

CASO C: "Certo dia, foi proposto na aula de educação física a aproximação do grupo

através do contato físico, onde dar as mãos ou abraçar um colega era o principal objetivo. A maioria repulsou a idéia, fazendo "cara de nojo" e evitando qualquer possibilidade de contato. Uma das meninas argumentou que meninas não podiam dar as mãos para os meninos, mas as suas escapadas para os fundos da escola para encontrar meninos de outras séries, não legitimavam o seu argumento."

4.4- As famílias

A realidade constatada nas famílias das crianças, além da violência, segue por um mesmo caminho, o da exclusão. Mesmo que haja políticas para reverter esta situação, ainda esta muito longe de proclamarmos um mundo com direitos iguais. O que se vê é a violação de alguns direitos fundamentais á vida como, o direito á moradia, á alimentação e á saúde.

O contato com aproximadamente 100 crianças e suas famílias, ao longo de três anos, visitando suas casas e seus bairros, deram oportunidade de conhecer situações diversas em que se encontravam. Muitas mães, tios, avós reclamavam das dificuldades pelas quais passavam entre elas a falta de perspectiva de uma vida melhor, do medo da violência, da fome e do desemprego.

Eram pessoas protestando por igualdade, reprimidas em suas moradias humildes, muitas delas precárias, sem banheiro e acomodação para todos: é a mãe da mãe da menina que é mãe, ou a mãe que é mãe de dez. São sobras do capitalismo. O que se via quanto á alimentação, era a falta dela. As famílias eram muito grandes e poucos trabalhavam, muitas vezes, ninguém trabalhava. Perguntava como faziam para alimentar seus filhos, e a resposta era sempre a mesma: "Hora minha filha, ganhamos o benefício da bolsa escola (R\$ 15,00), alguma comida por ai, também às vezes se tira um troquinho com um biscate." Essa acomodação sempre me incomodou, por que os filhos cultivavam o mesmo pensamento dos pais. A falta de higiene da maioria dos casebres, também, me incomodava por que o lixo não custava nada para tirar, mas o sistema deles parece que caminha de acordo com a falta de vontade e possibilidade de uma vida melhor.

Outra situação comum entre as famílias era a promiscuidade da mãe. Conheci uma família onde havia 8 crianças, sendo que entre elas havia 3 diferentes paternidades, fora uma grande parte delas que vivia com os avós devido ao abandono do pai ou da mãe.

4.4.1- Alguns exemplos

Um dia a avó de três crianças, que por falta do amor da mãe foram abandonadas, disse-me assustada que não sabia mais o que fazer para comprar comida para os netos. Já era uma senhora em torno de uns 68 anos, sua “especialidade” era o serviço doméstico, mas tinha perdido o emprego e estava desesperada. O que dizer? Para alguém que na idade que se encontrava, deveria estar gozando dos direitos que a sociedade obrigatoriamente deveria estar cumprindo a esta pessoa idosa, ou qualquer outra que fosse? Quem se responsabiliza por esta situação? Quem poderia matar a fome das três crianças, senão ela própria com o suor de um corpo já cansado e excluído dos padrões sociais de trabalho?

Havia, também, muitas famílias que tiveram seus filhos mortos pelo tráfico. Como foi o caso da "Chacina da Vila Lorenzi" no ano de 2002, onde doze jovens foram brutalmente assassinados por envolvimento com drogas. Muitas mães ainda sofrem com as lembranças e o medo de que esta situação possa se repetir com seus outros filhos. Mas, além de conviverem com estas aflições e incertezas, enfrentam um outro problema que ganha proporções cada vez maiores nos seus lares, o alcoolismo.

As crianças A, B, C, são irmãos e estão no projeto. São crianças com doze, dez e oito anos de idade, respectivamente, com dificuldades de aprendizagem, saúdes frágeis, péssimas condições de higiene e, os dois primeiros, apresentam comportamentos bastante violentos. A mãe, além destes três meninos, tem mais

cinco filhos sob as mesmas circunstâncias apontadas anteriormente. Sua moradia não passa de um pequeno quadrado sem banheiro. Para dificultar ainda mais a sua vida, o seu companheiro é desempregado e alcoólatra. Quando chega bêbado em casa bate nela e nos seus filhos maiores. São muitas histórias que poderia contar, mas elas são muito semelhantes e acredito que basta observar algumas realidades para entendermos como é a relação e a educação diária destas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos neste trabalho, estamos inseridos numa sociedade desigual onde os problemas sociais são evidentes, visto no aumento da violência e da pobreza. São questões aparentemente previsíveis dentro de uma política de privilégios e conseqüentemente de exclusão. Mas acredito, com base na idéia de Maturana, de que esses problemas estão além de uma pratica racionalista pré-moldada, eles sucumbem à afetividade negada e conturbada dos homens. As contribuições de Maturana foram essenciais para o entendimento das relações de hoje e sempre, pois acredito que a insensibilidade levou o homem a agir de forma individualista e egoísta cultivando, desta forma, as relações de convivência em que vivemos.

A soma do conhecimento e dos sentimentos à prática adquirida ao longo do tempo com crianças vítimas da exclusão e da violência, possibilitou-me uma nova compreensão da emoção e da razão sobre nossas condutas na visão de Maturana (2002), e o que pode vir a ser a educação no processo de sensibilização para tornar possível este entendimento. A minha experiência no Projeto ASEMA, juntamente com as idéias de Maturana, fizeram com que eu mudasse o meu modo de agir com as crianças. Iniciei um processo de compreensão dos meus atos diante delas, e depois ao contrário, sempre relacionando as realidades ao que Maturana pregava. Hora, se eu não resgatasse a minha sensibilidade diante delas, quem seria eu? Uma falsa educadora? Uma pessoa que não faria diferença entre aquelas crianças? O que realmente eu sentia e queria? Achei que era o momento de mudar. Então, coloquei em prática o que sentia, comecei a entendê-los dentro de um mundo de

respeito e de afetividade. Foi, aí que comecei a notar a diferença dos comportamentos, as agressões diminuíram, conquistei o respeito deles, conseguindo estabelecer em parte, uma convivência de cumplicidade.

Descobrir valores que fazem parte da natureza humana é uma questão de reflexão sobre nossos desejos e escolhas dentro de um sistema que nega a convivência de aceitação e de respeito pelo outro. Se consigo estabelecer o que é certo ou errado fora dos moldes pré-determinados, posso pensar que meus propósitos tem um significado diferente e responsável frente á realidade. Desta forma, a possibilidade de um agir com responsabilidade diante dos problemas sociais determina uma conduta de aceitação e de respeito no espaço de convivência.

A partir da idéia de Maturana (2002), que coloca o amor como emoção que funda o social, pude constatar que ações voltadas para o carinho e a compreensão contribuem para a diminuição de ações violentas das crianças e fortificam cada vez mais o vinculo afetivo entre o grupo. Esta realidade confirma que uma educação orientada para a vida e para o amor é a base de como viveremos no mundo. A educação é uma possibilidade. Não uma educação formal, mas uma educação de todos para todos que resgate os valores de solidariedade, cooperação, cuidados e compreensão. A escola e a família são essenciais neste processo que nos desafia dia a dia As dificuldades reais são muitas, temos uma educação padronizada. É difícil trabalhar e estudar nos afastamos dos fascínios da vida, querer ter o que tem na televisão, querer uma vida boa, com dignidade, um carro bacana. E ao mesmo tempo ter referências próximas mostrando que nunca vou ser aquele dali, ou nunca ter aquilo, passando a fazer parte de um quadro de invisibilidade que afeta a maioria dos jovens, e conseqüentemente, afetando um país inteiro. É necessário darmos início a uma luta, contra ações destruidoras do homem com a natureza, contra os programas televisivos de baixa qualidade, contra os valores patéticos de estética e o crescente espírito competitivo nas relações de trabalho e lazer. Para isso, podemos eleger ações que prezem o carinho, o cuidado, a compreensão e a sensibilização para a vida.

Nossas relações estão subordinadas as ordens dos interesses globais de hoje que prega a racionalidade como faculdade que define o homem no domínio de nossas ações. Só que, muitas vezes, esquecemos que isto é insuficiente para a compreensão da liberdade e de outros sentimentos por que nossas ações estão dentro de uma previsibilidade, ao contrário das ações que nascem dos nossos desejos e da imprevisibilidade do nosso agir. Talvez, isto explique porque as incertezas humanas e a sua busca pelo prazer e a felicidade, não se encontram no domínio da previsibilidade, mas na nossa capacidade de sentir e conhecer.

Por fim, entendo que as crianças submetidas a situações de vulnerabilidade social, apresentam tais comportamentos agressivos por que é o que conhecem e recebem todo dia. Suas famílias vivem num mundo de negação e exclusão, e elas apenas confirmam este mundo em suas relações, que por sua vez, configura um mundo de não respeito e não aceitação. Então, nós professores devemos repensar nossa prática. Não a técnica em si, mas como passamo-la e o que esperamos dela. Eu quero mudar este mundo tão desigual. Quero que meus filhos sejam respeitados e respeitem o outro. As pessoas não se dão conta de que caminhamos para um futuro muito incerto e perigoso. Os excluídos fazem parte do mundo dos nossos sonhos, mas se a eles nunca foi dada a chance do prazer, vai se exigir razão? Se nunca sentiram o amor, são conduzidas por qual emoção?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REVISTA CAROS AMIGOS, São Paulo, 1997, nº 06, p. 11.

REVISTA CARTA CAPITAL, São Paulo, 06 jun., nº 294, p. 39.

LORENZ, K. **A Demolição do Homem**. São Paulo: ed. Brasilienses, 1986.

MATURANA, H. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. 3 ed., Belo Horizonte: ed. UFMG, 2002.

RELATÓRIO AZUL 2002 - 2003: Garantias e Violações dos Direitos Humanos.

Porto Alegre: Corag, 2003, p. 31 a 35.

SANTIN, S. **Educação Física: Ética, Estética, Saúde**. Porto Alegre: ed. EST, 1995.

SANTOS, B. s. **Pela Mão de Alice**. 2 ed., São Paulo: Cortez, 1996.